

O GLOBO

SPORTIVO

ANNO II

N.º 43

BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO



NESTE NUMERO:

FOOTBALL.

- O arrependimento amargo de Santamaría.
- A volta de Cardeal é um milagre de paciência e dedicação.
- A decadência do penalty pôde ser uma causa de decadência da disciplina.
- O crack que deseja ser apenas médico.
- O garoto sempre garoto.
- Cracks do futuro, reabilitam o football suburbano.
- O "Hobby" dos arqueiros.
- O espectador Leonidas analisa friamente a derrota.

TURF

- Viajam S. S. Excels. os cracks de corrida...

BASKETBALL

- O basketball feminino, nos Estados Unidos.
- Os "azes" do basket também crêem na influencia dos numeros...

AUTOMOBILISMO

- A corrida para a morte.

CONFIDENCIALMENTE

- Platero habla, os outros.. falam.

NATAÇÃO

- O duello que marcou uma nova era para a natção brasileira.

BOX

- O campeão palhaço não é mais palhaço nem campeão...

O RESURGIR DE UM PLAYER

A CARREIRA de um "crack" está sujeita a muitas e muitas oscilações. Todos o sabem. E por isso muito difficilmente se considera a fase má de um jogador como sendo a definitiva inclinação para a decadência. O "caso" de Zarzur é um exemplo a mais na longa serie dos "casos" que se poderiam apontar a respeito. Alberto Zarzur surgiu no football bandeirante, com successo. Joven ainda ingressou na primeira categoria como cizo do São Paulo F. C. e posteriormente titular do seleccionado paulista. A sua forma magnifica levou-o a ser cobijado pelo football estrangeiro. E Zarzur foi assim actuar uma temporada em Buenos Aires. Passado um anno voltou a São Paulo até o seu ingresso no Vasco.



NO VASCO Zarzur e u m p r i u igualmente boas performances, e chegou a figurar na reserva do scratch brasileiro que disputou o campeonato sul-americano de football em fins de 36 e principio de 37. Mas um detalhe nessa época compromettia a campanha de Zarzur. O viçoso center-half possuía um jogo pesado e era sujeito a frequentes explosões de irritação. Várias vezes se viu envolvido em incidentes. E de uma feita rebelou-se contra uma ordem de expulsão de campo, sendo necessaria a intervenção da policia para retirar-o do gramado. Logicamente, em taes condições, a produção de Zarzur era mais sujeita a altos e baixos. E essa parte de menor eficiencia se accentuou no anno passado.

1938 não foi positivamente um anno feliz para Zarzur. O center-half engordava e decaía sensivelmente. Tanto que o Vasco chegou a pensar na necessidade de arranjar-lhe um substituto. E contratou Dacunto, um dos argentinos do "caso" mais rumoroso dos ultimos tempos. Isso constituiu um beneficio para Zarzur. Relegado a reserva o antigo center-half metteu-se em brio e, aos poucos, foi readquirindo a forma. Enquanto Dacunto não correspondia, Zarzur mais se destacava nos treinos.



ZARZUR voltou ao team principal e com o mais absoluto successo. Voltou um Zarzur novo, que impressiona pela segurança tecnica, pelo abandono da violencia. Adquiriu uma noção mais apurada de collocação e apresenta maior elasticidade, pela perda do excesso de peso que vinha mantendo. A forma excepcional do veterano center-half, que o apontou duas vezes seguidas para o scratch da semana, vem confirmar bem que os "cracks" não devem desanimar com uma fase má. Devem, sim, esforçar-se pelo readquirir da forma perdida, pelo resurgir da sua "estrella".

CONFIDENCIALMENTE...

Platero habla, os «outros»... falam



UM CHARUTO infinito, bailando dum canto ao outro dos labios; um "pero, todavia", indispensavel a identificação de um platino; muita fé nas próprias possibilidades e uma piladinha de termos technicos. Misture-se tudo. Bata-se. Ponha-se no forno ou na geladeira. Como queira ou de accordo com a estação. E ahí está Platero. Também não falta "estrella" ao substituto de Scarone. Nem "estrella" nem boas "bolas" que o mantêm no placard da publicidade...

Domingo ultimo, logo após a victoria que alçou o Vasco a liderança, collocando-o no mesmo plano do Flamengo e do Fluminense, Platero estava entre os seus "cracks", já em São Januario, onde alguns chronicistas se encontravam, também, para colher as impressões dos vencedores. E ouviram Nascimento, o keeper que foi uma barreira; Florindo, o back emulo de Domingos; Fantoni, o autor dos goals. Chegaram a Gandulla e, depois, a Emeul. Estes quasi não puderam falar. Todos notaram que, com

difficuldade, demoravam a expressar-se para fazerem em portuguez, quando até então sempre foram entendidos em castelhano.

A explicação veio pouco depois, no bar, onde Welfare não se cansava de falar na velha fibra que sempre fôra a mola que conduzia aos campeonatos.

E' o Platero que anda preocupado com a nacionalização dos jogadores. Não quer que ninguém fale outra lingua que a nacional!...

- Seria possível? - indaga um menos creduo.

E foi ao encontro do tecnico que, vivendo ha vinte annos no Brasil ainda não fala portuguez porque - disse-o elle mesmo ha tempos - seria vulgarizar-se e perder tudo, até mesmo a significação do seu nome...

- E' verdade que você não quer que os argentinos falem castelhano?

- Si - retruea Platero - mientras no sea conmigo, los muchachos solamente hablaran portuguezs...

O "SCRATCH" DA SEMANA

A FORMAÇÃO de um "scratch" com os elementos que actuaram na ultima rodada não offereceria maiores difficuldades. Pelo menos na defesa os nomes se encontrariam com facilidade. Assim, para o goal surgiria Nascimento, que além de firme nas occasiões precisas culminou em brilhantismo ao defender o penalty cobrado por Gonzalez. Na zaga poderia collocar-se a famosa parelha da "Copa Roca", Domingos e Florindo. Na linha média, nitidamente destacados encontrar-se-iam Zezé Procópio, Zarzur e Argemiro, todos tres com exhibições soberbas no domingo. O ataque se apresentaria em condições menos solidas do que a defesa. Todavia ainda surgiria em boa forma com Sá na ponta direita, Carvalho Leite na meia, Fantoni no commando do ataque, e Gandulla e Carreiro na ala esquerda.

Na supplencia poder-se-ia collocar Francisco, o goleiro do Bangü, Nariz, Affonsinho, Roberto, Jair e Patesko, todos com actuações também dignas de realce.

ZARZUR, O "CRACK"

mais uma vez Zarzur classificou-se como o "crack" da semana. O center-half vascoino reproduziu contra o Flamengo, a actuação excepcional que desenvolvera contra o Botafogo. Zarzur impressionou fortemente pela collocação magnifica, pela justeza dos passes e, sobretudo, pela limpeza de jogo. Melhorou muito o "eixo" cruzmaltino, nesse particular.

Abandonando as jogadas bruscas Zarzur está se conduzindo como um mestre na posição.

O GLOBO SPORTIVO - Directores: Roberto Marinho e Mario Rodrigues Filho. Secretário: Ricardo Serran. Redação, administração e offeinas: rua Bethencourt da Silva, 21 - 1.º andar. Preço do numero avulso para todo o Brasil: \$400 - Assignaturas: annual, 20\$000 - Semestral, 12\$000.

O Campeão Palhaço não é mais Palhaço nem campeão...



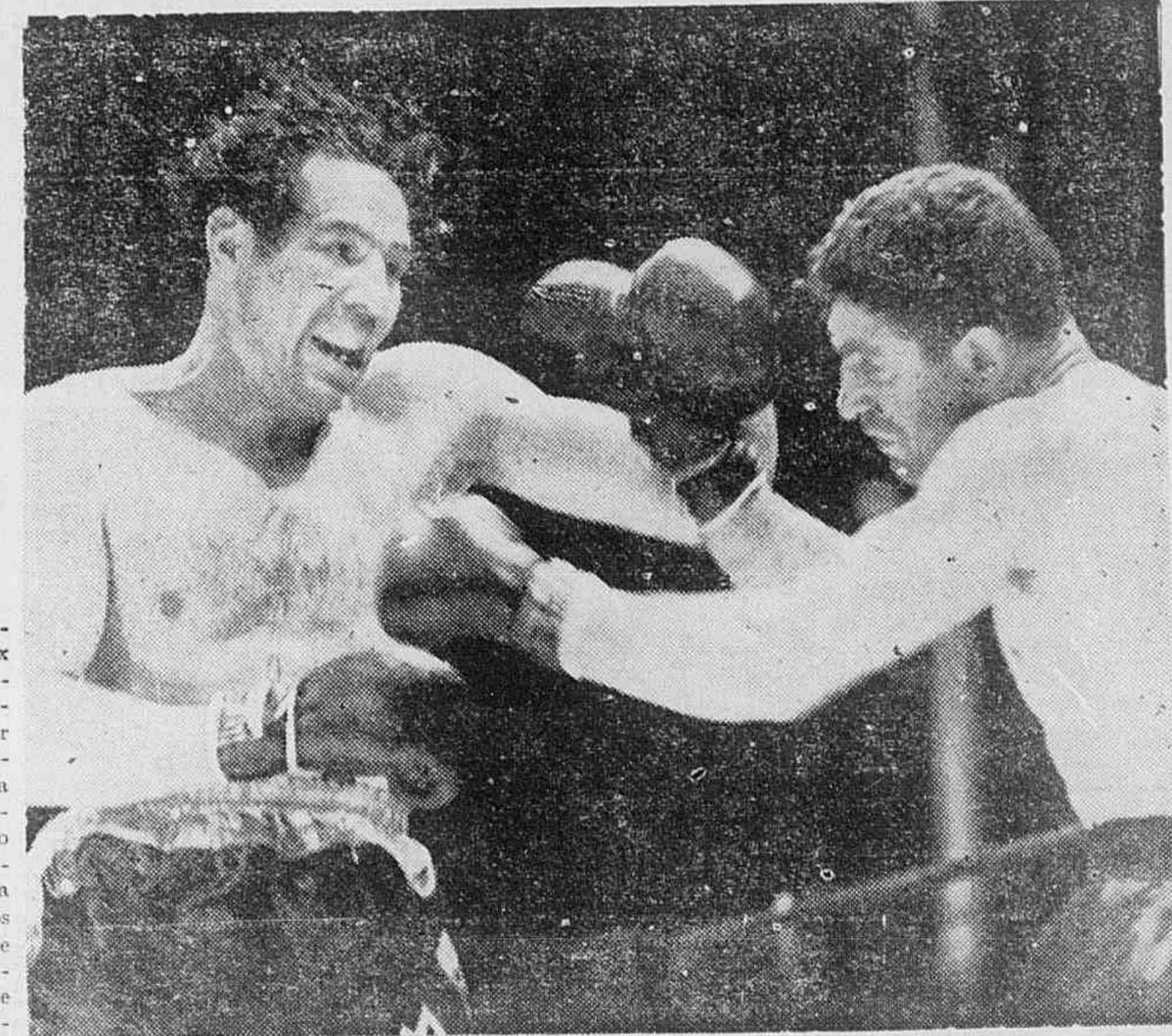
1. Max Baer teve uma fase de "clown". Fazia questão de confundir os críticos. Mas foi assim, como um palhaço que arrebatou o título de campeão do mundo a um "hercules de feira", o monstruoso Primo Carnera. Max Baer era um campeão e um "clown". Dansava em cabarets, cantava em rádios, aparecia em escândalos, torrava-se galá de cinema. Os entendidos balançavam a cabeça desiludidos. Ali estava um boxeur difícil de classificar. E todos vaticinaram uma carreira rápida. Baer tinha uma direita parecida com a de Dempsey, mas nunca se sabia quando estava em forma ou quando caminhava para a derrota. A pergunta a fazer era uma só: podia um campeão mundial ser speaker, astro cinematographico, e tambem um gigantesco Fred Astaire? A farsa acabaria mais cedo ou mais tarde.



2. A luta com Braddock foi o começo do fim. Era o seu trabalho, o pae de familia, o boxeur austero, que ia enfrentar o "mimado da sorte" o filho prodigo do pugilismo. Baer continuou a ser o palhaço, esperando que tudo aquillo passaria. Quem

tinha uma direita tão fulminante? Foi ahí que appareceu o negro Joe Louis arrazando todos os obstaculos. Braddock não duraria uma luta e chegaria a vez de Baer, o palhaço.

3. Quando um "clown" se casa tem de pensar no futuro. E Baer um dia caminhou para o altar sob a marcha celebre de Mendelssohn. Precisava mudar, enjarar a vida de outra maneira.



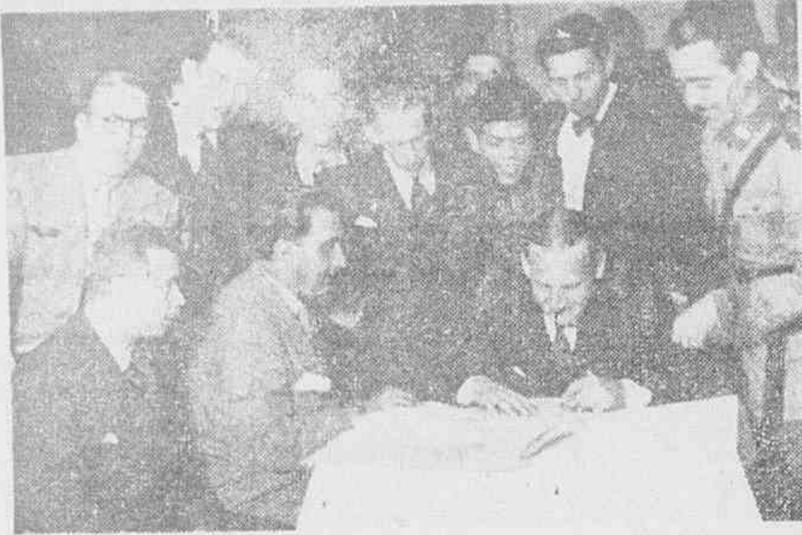
4. Desapparecera o "clown" Max Baer. Agora só faltava fazer resurgir o campeão Max Baer. Que maior estimulo pôde ter um boxeur do que saber que luta por um pequeno ente gorducho e risonho que ainda não fala e que mal sabe pronunciar "papá"? Pela primeira vez Baer pensava em erros que commettera. Tinha de cumprir uma missão, assegurar o futuro da esposa e do filho. Quem comparecia ao treinamento não era o velho Baer e sim o novo. E os managers esperavam um milagre. Uma direita como a do ex-campeão não desaparecia tão facilmente e Lou Nova não era Joe Louis

5. Mas Lou Nova applicou socos bem fortes. Desfigurou Max Baer, transformou-lhe a physionomia em uma massa informe. Não era, porém, a careta de um palhaço e, sim, o rosto tragico de um campeão que perdia a ultima esperança.

6. Foi uma luta sangrenta. Era verdade que Max Baer deixara de ser o "clown". Mas deixara de ser, tambem, o campeão. Tinha de ceder lugar aos novos, a esse aggressivo Lou Nova, por exemplo, que o massacrô impiedosamente. Durante dez rounds Baer resistiu. Mas o arbitro apiedou-se de um rosto desfigurado. O ex-"clown", o ex-

campeão abria a boca, deixava cair os braços, enquanto os braços de Lou Nova alongavam-se vibrando socos tremendos. E o knock technico mostrou a realidade crua: Max Baer tivera uma oportunidade e a deixara fugir. Agora era demasiado tarde e não bastava deixar de ser palhaço.

O arrependimento amargo de SANTAMARIA



1 A aquisição de Santamaria pelo Fluminense provocou sensação na cidade. Tratava-se, nada menos, do maior half da Argentina e se foi possível a sua vinda para o grêmio das tres côres, deve-se isso ao facto do River Plate acreditar que seu jogador não mais poderia retornar aos gramados. Santamaria foi presente de um socio tricolor, que dispendeu 8 mil pesos para o pagamento das luvras exigidas pelo "crack" portenho, por dois annos de contrato. O compromisso foi firmado na sede do aristocratico club carioca na presença de representantes de todos os jornaes cariocas.



2 Com uma bella estampa e uma conversa agradável, o famoso player portenho conquistou a sympathia da imprensa. Explicou porque não fora incluido no scratch argentino que disputara o sul-americano de football e manifestou-se ansioso por demonstrar que ostentava ainda a sua melhor forma. Seu maior desejo era demonstrar ao River Plate, que fizera mal em abandonar-o. E immediatamente, deu inicio aos preparativos para a estrêa. Os comentarios lisonjeiros da chronica sportiva e a fama de que veiu precedido o jogador, crearam um ambiente de ansiosa expectativa em torno do seu "debut".



3 O exame medico revelou-o em magnificas condições phisicas. Foi escolhido um Fla-Flu para a sua estrêa. Coincidiu que no dia marcado para a tradicional batalha, a tarde estava crestada por um sol causticante e depois de um half-time o jogador estava exausto e teve que ser substituido. Verificou-se que Santamaria ainda necessitava de aclimação para exhibir todos os seus recursos e o Fluminense fez bem em proporcionar-lhe novas oportunidades.



5 Cedo, o jogador percebeu em toda a sua extensão a levandade e a gravidade de seu gesto, e sentiu-se amargamente arrependido. Depois de alguns jogos, o "club dos Millionarios" apontou-lhe a cerca... Ansioso por obter o perdão do Fluminense, Santamaria pediu rescisão de seu contrato e manifestou-se disposto a voltar ao Rio e sujeitar-se a qualquer penalidade imposta pelo club carioca. Mas agora é tarde. Encontrará sempre a porta do Fluminense fechada...



4 Em pouco tempo, o médio platino torrava-se o maior half da cidade em sua posição, constituindo um dos pontos altos do esquadrão tricolor. Grangeou amizades no Fluminense e, dia a dia, aumentava consideravelmente o numero de seus "fans". Santamaria, Brax e Orosambo, tornou-se uma das mais solidas linhas médias do paiz. Breve a repercussão de suas actuações, cada vez mais efficientes, attingiu Buenos Aires e despertou a cobiça novamente do River Plate. E o club buenaiense excheu os seus ouvidos de promessas, acenando propostas excepcionaes. O player não resistiu á tentação e, depois de ter renovado contrato por dois annos com o Fluminense, decepcionou o club carioca, a imprensa que o prestigiara e os seus "fans" com uma fuga vergonhosa, com a agravante de ter levado em seu poder a primeira prestação das luvras pagas pelo Fluminense.

O "GAROTO" ETERNAMENTE "GAROTO"...

Dez annos após, Ministrinho continua sendo o mesmo futebolista sentimental e possuidor do mesmo "sorriso de ouro" de 1929

Por OLIMPICUS



1. No presente campeonato paulista, a Portuguesa de Sports relocou, seriamente, o seu quadro e após um incerto inicio eis que conquista a sua primeira victoria de força e prestigio, superando o São Paulo por 3 a 1. Corramos os olhos pela sua organização. Lá está, na ponta direita, Pedro Sernagiotti, o "Ministrinho", o "garoto" eterno, o sempre "sorriso de ouro", um dos footballistas mais sentimentaes que conhecemos, já veterano!

Sim, Ministrinho pôde ser catalogado nessa categoria, pois este anno completa dez temporadas consecutivas de football official, tres das quaes na Italia. Quem o vê, vivo, travesso e sorridente julga, por certo, que o calendario para Ministrinho, parou...

O tempo como que se esqueceu de passar sobre a sua cabeça e Ministrinho é hoje o mesmo typo de menino de 1929, como o vimos na penultima rodada do campeonato paulista.



2. O "garoto" desde cedo revelou aptidões extraordinarias para o "association". Infantil ainda, ha uns quinze annos atrás, Ministrinho já formava no primeiro team do clubezinho que existia no seu bairro. E era de ver-se o cariinho com que a torcida do clubezinho acompanhava as proezas daquelle "pingo de gente", jogando como um verdadeiro crack no meio dos maiores.

O garoto de ha quinze annos, evidenciava desde então as qualidades technicas que o haviam de tornar posteriormente um dos mais famosos "cracks" do paiz.

Com taes predicados Ministrinho não poderia continuar muito tempo ignorado num clubezinho de bairro.



3. A popularidade do "garoto" estendeu-se, dentro de pouco tempo, até aos clubs maiores. E um dia surgiu o convite para um treino no juvenil do Palestra Italia. Ministrinho não resistiu ao convite. Corria-lhe nas veias o sangue italiano e o Palestra era o club idolo da colonia.

Foi assim que Ministrinho ingressou no que se pôde chamar o sport official, envergando a camisa dos "periquitos verdes".



4. A ascensão de Ministrinho no Palestra foi rapida. Do quadro juvenil, o pequeno ponta direita saltou logo para o primeiro team, sem conhecer o estagio na equipe secundaria. Isto aconteceu em mil novecentos e vinte e nove. A estreia de Ministrinho no primeiro team do club do Parque Antartica foi uma sensação. Ao lado de veteranos como Heitor, Serafini, Pepe e outros já experimentados como Nascimento, Romeu e Gogliardo, o "garoto" correspondeu amplamente á expectativa, jogando como um crack. A sua diminuta complexão physica attraiu-lhe a inteira sympathia da massa torcedora e Ministrinho firmou-se no quadro palestrino, como o "menino de ouro" da torcida. E suas actuações sempre progressivas, sustentavam cada vez mais o presljgio tão rapidamente adquirido.

SCRATCH NACIONAL



5. A carreira do jovem ponta direita prosseguiu sempre em sentido ascensional. E assim do primeiro team paetrino, Ministrinho atingiu ao seleccionado paulista, igualmente com extraordinario successo. Quando estreou no Rio integrando o scratch bandeirante conseguiu ser aclamado pela "torcida" carioca, de forma poucas vezes conseguida por outros jogadores. Depois da selecção paulista, Ministrinho atingiu a gloria maxima de um footballer: — integrar o scratch nacional.

Em 1931 Ministrinho formou o scratch Rio-São Paulo que derrotou o Ferenvaros por 6x1. Ao lado do ponta paetrino actuaram nesse jogo "azes" da época, como Veloso, Theophilo, Prego, Serafini, Petronillo e já, Dominges, além de outros. Jogador intelligente e vivaz, Ministrinho em todas as vezes que actuou nas selecções bandeirantes e nacionais o fez de forma destacada, justificando a razão da sua escolha.

6. Na plenitude da sua forma, Ministrinho deixou-se atrair pelo football Italiano ao começar o profissionalismo.

Não o deixaram embarcar na hora H. Perdeu a primeira oportunidade. Não desistiu, porém, e embarcou mais tarde, de terceira classe, á sua custa...

Chegado á Italia, foi ludibriado por um emissario que lhe fez assignar contrato pelo Genova quando devia fazel-o pelo Juventus. Este club não o quiz perder e a Federação local acabou

suspendendo o "az" brasileiro por um anno. Mesmo sem jogar Ministrinho tornou-se um idolo, devido sua extremada sympathia.

Em mil novecentos e trinta e dois, estreou no maior "esquadrão" que o football italiano já produziu: — o "onze" de Orsi, actualmente no Flamengo, Osarini, Monfi, Comki, Rosetta, etc., que foi campeão cinco vezes, consecutivamente.

Foi Ministrinho o unico brasileiro a figurar nesse quadro famoso.



CAMPEÃO ITALIANO!

7. Nos campos italianos o successo de Ministrinho não foi menor do que o alcançado nos gramados brasileiros. Figurando na ponta direita do esquadro juventino Ministrinho conheceu dias gloriosos, aplaudido calorosamente pela torcida que o appellidava de "Pipistrello". Em 1933 quando o Juventus levantou o campeonato italiano Ministrinho, ou Pipistrello, foi carregado em triumpho, devido á sua actuação soberba no match final. Longe da sua patria o "garoto" conhecia uma gloria não possuida por nenhum outro player brasileiro, embora grande fosse o numero de elementos nacionaes militantes no football peninsular, naquella época.



O REGRESSO

S. Ministrinho poderia ter continuado muito mais tempo na Italia. O seu jogo continuava agradando plenamente e o seu prestigio permanecia solido no football italiano. No entanto em mil novecentos e trinta e quatro o "garoto" foi induzido a voltar.

Aconselhado por varios "amigos", Ministrinho um bello dia arrumou as malas e deixou o Juventus regressando ao Brasil.

Trazia na mente a impressão de que nada se iria modificar. Que seria recebido de braços abertos no seio do seu antigo club, e que as suas performances continuariam agradando da mesma forma que quando daquí partira.

A sua primeira impressão foi realmente confirmada. O Palestra recebeu-o de braços abertos e a torcida acolheu-o carinhosamente na sua primeira apresentação. Mas depois as suas performances não mais convenceram.

Criticaram-no seguidamente e a sua confiança abalava-se cada vez mais.

9. Ele não se pode continuar no alviverde. Mas não se desmoralizou.

Sempre sorridente e sentimental offereceu-se ao São Paulo F. C., sem visar lucros. Findo o seu compromisso com o tricolor paulista, ingressou na Portuguesa de Sports, onde está jogando com pleno successo na temporada corrente.

Em 1939, Ministrinho é o mesmo valoroso e sympathico "garoto" de 1929.

Dez annos se passaram.

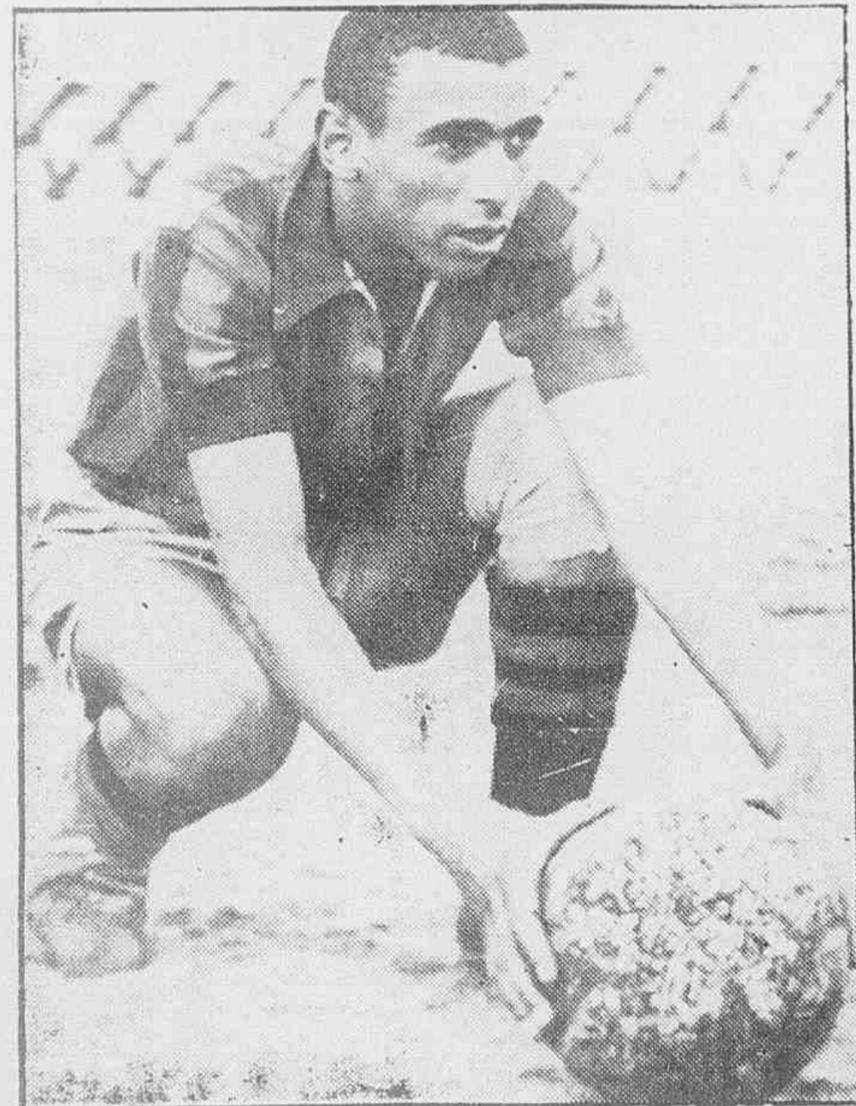
Foi campeão brasileiro e italiano. Jogou na selecção paulista, brasileira (Rio-São Paulo) e italiana (quadro B). Casou-se e possui tres filhos.

Mas continúa sendo o "garoto" eternamente "garoto"...



"CRACKS" DO FUTURO REHABILITAM O FOOTBALL SUBURBANO - A campanha notável dos juvenis invictos do Bomsucesso

NÃO se acreditava mais nos subúrbios. Para muitos o football suburbano deixara de ser o celeiro eterno em que se abasteciam os clubs maiores, os clubs da cidade. No entanto 1939 trouxe uma surpresa para aqueles que se haviam tornado descrentes das qualidades e das possibilidades do "soccer" suburbano. E essa surpresa verificou-se na categoria-base. Na categoria dos juvenis. Um team dos subúrbios surgiu coeso e forte, derrubando todos os adversários que se lhe têm anteposto. O Bomsucesso é esse team. "Leader" invicto do torneio juvenil com um empate apenas. Este team que vem cumprindo uma campanha brilhantíssima, mas quasi ignorada, porque os jogos juvenis são realizados pela manhã, longe das vistas do grande publico mereceu de Alfonso, o emissario argentino que esteve ha dias nesta capital uma observação que traduz o maior elogio que se lhe poderia fazer. O de ser o quadro que mais o impressionara como conjunto e cerebro. Cumpre accentuar que Alfonso Doce assistiu ao jogo em que os juvenis suburbanos tiveram o seu unico ponto perdido na tabella: — com o Vasco.



CARLOS, o center-forward da equipe é um discípulo de Gradim. Occupa a "liderança" dos marcadores de goals do seu team. Em sete jogos o Bomsucesso fez vinte e cinco goals. Carlos fez 7 desses pontos, sendo os restantes assignalados pelos seus companheiros Justo 6, Jorge 4, Adyr 4, Sebastião 2 e Bahiano 1. O ultimo ponto foi feito por um zagueiro do Botafogo contra o seu proprio club.

NÃO É BATATAES nem Walter quem está saltando para a defesa. É Maneco, o keeper do esquadrao invicto do campeonato juvenil. Observe-se a correção dos movimentos, no salto estilizado. Todo o quadro, aliás, age assim. Com technica, com estilo. Difficilmente se verifica no quadro dos juvenis leopoldinenses uma jogada descontrolada, um lance de "pixote".



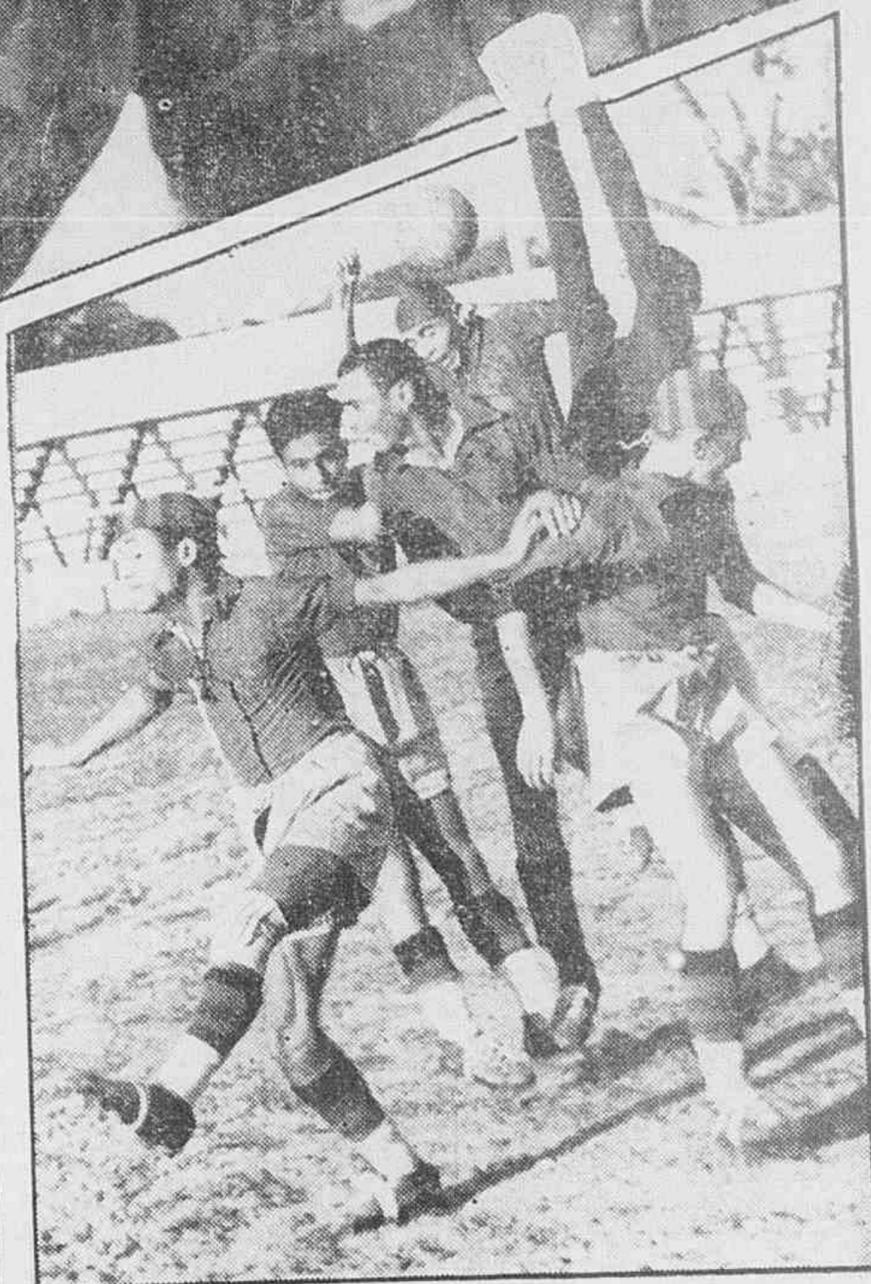
OS JUVENIS DO BOMSUCCESSO treinam com regularidade todas as semanas. Antes de cada treino Victoriano Porto e Gradim reúnem os seus commandados e repisam as características do jogo que deve ser feito, para que o team não venha a sofrer nenhuma solução de continuidade na sua carreira brilhante.

Ainda que recém-iniciados na pratica do football coordenado, os juvenis do Bomsucesso tem se revelado possuidores de uma classe innata que os credencia como verdadeiros azes do futuro. O trabalho de Victoriano Porto, o director da seccão, e de Gradim, o veterano "center" leopoldinense tem sido propriamente, mais o de aperfeiçoar do que o de ensinar.

Em sete jogos o team suburbano venceu seis consecutivamente. O Fluminense por 3-2, o America por 3-1, o Madureira por 7-1, o Botafogo por 5-2, o São Christovão por 1-0, e o Banga por 4-2. No ultimo empatou com o Vasco por 2-2. Se lhe resta para encerrar o primeiro turno o compromisso com o Flamengo.



BOLINHA, SYLVIO E RUSSO formam o trio médio desse quadro juvenil que se vem conduzindo tão destacadamente no campeonato da sua categoria. Os tres halves backs leopoldinenses, apesar da sua juventude são elementos que já imprimem pela segura noção que têm das suas posições ao limite da categoria. Falando em juventude deve-se acrescentar que nenhum dos componentes da equipe atinge a dezoito annos. A idade maxima permitida para o campeonato juvenil na L. P. R. J. é

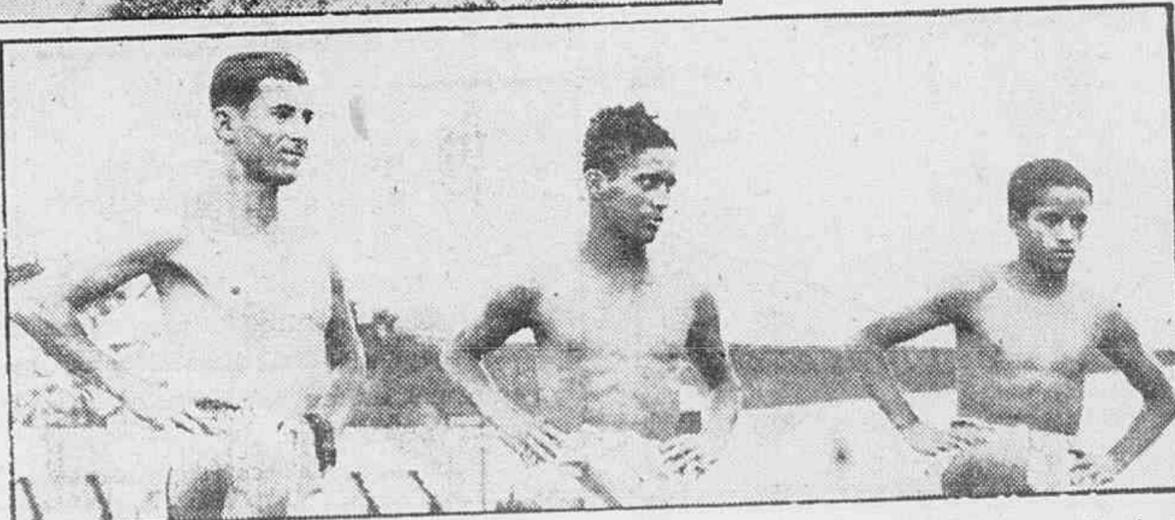


O PREPARO PHYSICO teve a sua importancia accentuada com o advento do profissionalismo.

Comtudo a maioria absoluta dos clubs actualmente somente se preoccupa em preparar physicamente os teams profissionais.

Os amadores são relegados a um segundo plano extremo, com difficuldades até para os treinos de conjunto. Por isso constitue quasi uma excepção o cuidado com que os responsaveis pelo team juvenil do Bomsucesso tratam do seu preparo physico.

Os footballers invictos da categoria inicial da L. P. R. J. além do treino de conjunto têm exercicios individuais duas vezes por semana. E assim vêm conseguindo o folego sufficiente para vencer as mais difficéis peleyas em que se têm envolvido lutando com energia até os minutos finais.



E ASSIM graças á produccão destacada de um team juvenil, que vem calcando as suas performances num trabalho racional, methoico e esforçado, os suburbios rehabilitam-se para o football da cidade. Hoje já se acredita novamente na efficiencia do football suburbano.

O esforço de um club modesto, resaltando a qualidade dentre a quantidade, veio provar que o antigo colleiro não se esgotou. A questão resume-se apenas em trabalhar. E trabalhar na categoria que se desprezara: a dos juvenis.

A NECESSIDADE de um bom preparo physico já convenceu, pelos resultados positivos que têm apresentado, aos proprios atletas juvenis. E os exercicios individuais que são feitos de má vontade por muito jogador profissional, são executados com boa vontade e capricho pelos juvenis do esquadrao invicto.

Todos elles obedecem com satisfacão á voz de comando do seu instructor especial. Além de footballers efficientes, os juvenis do Bomsucesso são tambem atletas disciplinados

CONTRA A CASPA
JUVENTUDE
ALEXANDRE
EVIDENTE EFFICACIA



○ Basketball feminino nos Estados Unidos



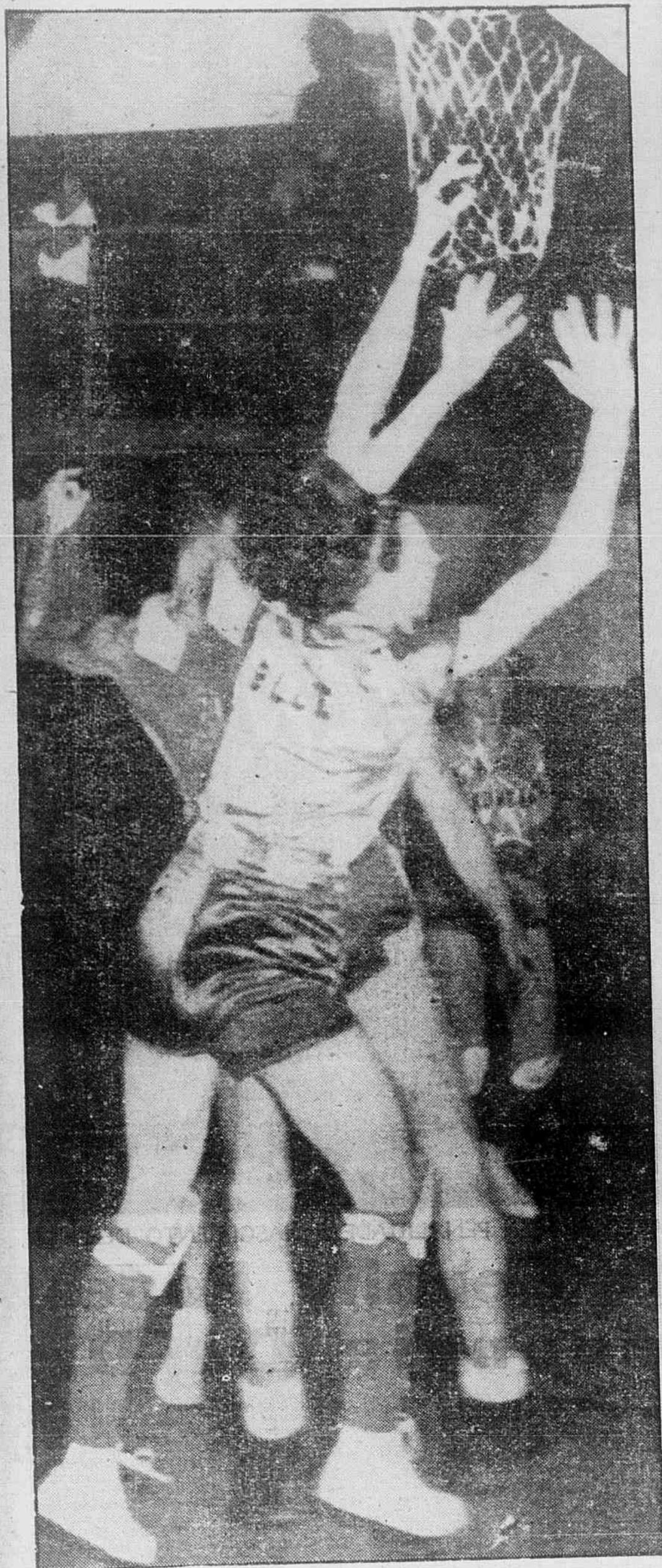
EM PLENO SALTO, Kay Kirkpatrick, uma das "bellezas" de Olson disputa a bola no jogo contra o team campeão de Long Beach, onde perderam pelo duro score de 39-33.

Victoriosas em mais de 100 jogos

HA tres annos, C. M. Olson reuniu sete lindas garotas para jogar basketball fazendo ao mesmo tempo reclame dos seus productos de belleza. E ellas depois de severos treinos foram mandadas em excursão pelo paiz inteiro jogando apenas contra "teams" masculinos.

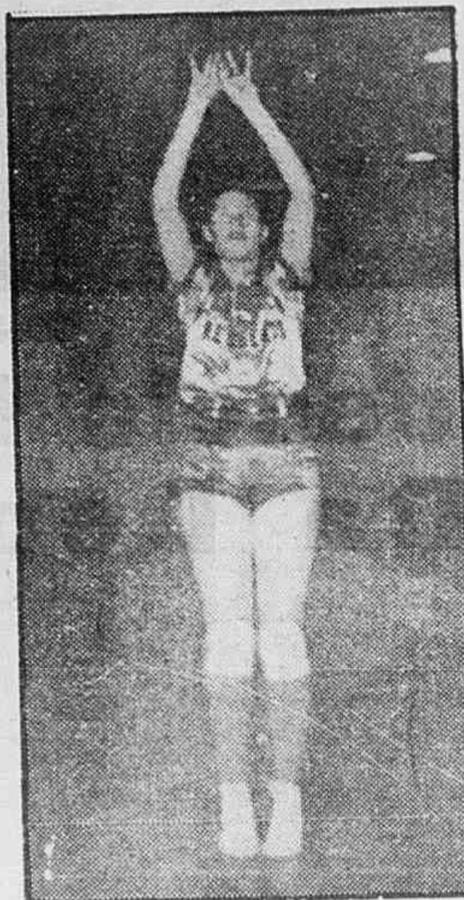
As multidões accorreram para assistir ao "massacre" do sexo fraco mas... dos jogos em que tomaram parte, num total de 185 ganharam muito mais da metade !!! Eis o formoso conjunto, e algumas das suas exhibições.

ARREMESSO À CESTA



HAZEL VICKERS, chefe do team feminino, faz um arremate à cesta. Neste jogo as moças exhibiram uma technica mais lenta e mais acurada do que a dos homens.

EM PLENA ACCÃO



KAY KIRKPATRICK, a mais bella do team, executa um lance-livre.



EISA A CHEFE da turma, em plena accão, ao tentar um passe largo.

OS HOMENS começaram a jogar pesado para conseguir vencer o match, mas... foi preciso collocar em campo os reservas, descansados para que as garotas cedessem nos ultimos minutos.



GONZALEZ BATE A PENALIDADE E NASCIMENTO DEFENDE.

A Decadencia Do Penalty Pode Ser Da Decadencia Da Disciplina

UMA vez se constatou, com surpresa, a "decadencia do penalty". Não só era raro aplicar a penalidade máxima, como também era raro transformar em goal o tiro de onze passos. Tal constatação foi feita em 37. Mas o mal existia antes. Apenas se reparára nelle porque ia influir na campanha de um candidato real ao titulo de campeão.

Assim lá se vão tres annos — periodo largo para a adopção de remedios efficazes. O penalty devia ter voltado ao prestigio antigo. E o facto de não ter voltado ao prestigio antigo assume uma importancia maior do que se presume. Aponta a falta de artilheiros ou, pelo menos, a diminuição sensível da visão de goal. E pôde-se fazer uma verificação. Realmente o football carioca perdeu a visão instantanea do goal. Hercules "era" um artilheiro. Subitamente deixa de marcar tentos. Chamaram Caxambú um "artilheiro" também. E Caxambú quando encontrou defesas solidas não conseguiu rompel-as uma unica vez.

O "artilheiro" passou a ser Carvalho Leite, considerado sómente um constructor. A verdade é que os ataques não possuem um "goledor". Um forward, ás vezes, impressiona pela facilidade em transformar placards. Em 38 o artilheiro do Fluminense era Sandro — um reserva effectivo. Em 39 é Feguedra, que vai ser substituído. O Flamengo tem um Caxambú e afasta-o do team. O Vasco não se impressiona com o marcador do goal.

E assim Niginho ficou na cerca, como Gabardo, e como ficará Fantoni mais cedo ou mais tarde. Procura-se febrilmente um artilheiro. E enquanto isso não se ensina o atacante a bater penalty.

O EXCESSO DE PENALTIES BRASILEIROS NO CAMPEONATO DO MUNDO

A queda do penalty não significa, apenas, a diminuição da visão de goal. Implica, também, em um relaxamento da disciplina. Aos poucos se adquire quasi que uma certeza de que o penalty não pune. Trata-se mais de uma ameaça — de uma simples advertencia. Espantou a muitos o excesso

de penalties commettidos pelos brasileiros durante o campeonato do mundo. Um a favor da Polonia, outro da Tchecoslovaquia, outro a favor da Italia. Tratava-se de um vicio bem brasileiro adquirido por dois motivos.

O primeiro se referia ao temor do penalty pelos arbitros indigenas. E o segundo encarava as não entravam quando se cobrava a penalidade máxima.

O resultado foi que o scratch brasileiro perdeu o campeonato do mundo por excesso de penalties. E certo espanto diante da cobrança dos tiros de onze passos. Eram shoots fulminantes, indefensaveis. Walter em vão. O penalty significava goal entre os fríos da Europa.

A DECADENCIA DO PENALTY E A DISCIPLINA

Apesar disso não se tentou remediar o mal. Os jogadores têm um crack que bata penalties. Escolhe-se no meio a onze passos, o forward e o keeper, ha um "frisson" que enche o stadium.

Entrará, não entrará? Aposto-se como não.

O Crack Que Deseja Ser Apenas Medico



APARENTEMENTE, Nariz é apenas o jogador de football. O "fan" faz questão de não conhecer Alvaro Lopes Cançado; medico, com consultorio proprio e determinadas obrigações em uma conhecida casa de saúde. Foi sempre assim. Ainda estudante e collocado dentre os primeiros de sua turma, o torcedor fazia questão de confundir as duas personalidades. Talvez por ser mais ruidoso o appellido. De inicio como uma satisfação natural, o instinto de "machucar", que é dado a companheiros de um mesmo collegio. Também pela facilidade de expansão.

Assim, o imperativo popular, começava a trocar, como por magia, uma distincção entre o atleta e o homem da sociedade. Isso em 1925 e com escalas em varias épocas. No Granbery, sua primeira escola; jogador do Tupy em J. de Fora; no Athletico Mineiro e finalmente no Botafogo.

Até quando? O Dr. Alvaro Lopes Cançado afirma que não durará muito. Talvez encerrando sua carreira sportiva, o que está mais próximo do que realmente se supõe...



TAMBEM SE FALOU com insistencia no ingresso do grande zagueiro no "soccer" europeu. Havia de facto a possibilidade. E a possibilidade era tanto mais interessante quando se sabia que Nariz pretendia realizar o Velho Mundo, sua maior aspiração: especializar-se em uma Faculdade de Vienna. O tempo, os compromissos familiares e um futuro assegurado aqui no Rio, desfizeram, porém, os planos do crack patricio. A Casa de Saude Pedro Ernesto, poderia perfeitamente dotar-lhe dos ensinamentos praticos tão necessários a sua espinhosa profissão. E é ali, que passa a maior parte dos dias, observando, cuidando, aprendendo. Seu ultimo cliente é o Dr. Arnaldo de Medeiros, um grande cirurgião e chefe do Hospital Carlos Chagas. Agora, sente-se mais a vontade para afirmar categoricamente que em hypothese alguma deixará mais o Brasil. Pelo menos sob o pretexto de fazer as duas coisas: jogar football e estudar medicina.

"O Punhal do rei Ricardo!"

INICIO DE NOVA E EMPOLGANTE SÉRIE DAS AVENTURAS DE ROBIN HOOD NO "O GLOBO JUVENIL" DE HOJE!



NARIZ não conclue pela incompatibilidade do sport com a medicina. Acha porém, que deve haver um limite entre o util e o agradável. Attingiu o maximo da carreira sportiva, tornando-se immediata uma dedicação mais profunda a profissão abraçada.

Tem seus planos mais ou menos delineados. Permanecerá alguns mezes no Rio, o tempo bastante para uma pratica apurada na sua especialidade. Depois rumará para o Tringulo Mineiro.

Em Uberaba, sua terra natal, pretende fixar residência, abrir uma casa de saúde. Viverá, assim, única e exclusivamente da medicina e para a medicina.

Ser Uma Causa Disciplinada

durante o cam- outio a favor da rava-se de uia os. E houve um de onze passos. Valt a tirava-se s frios jogadores

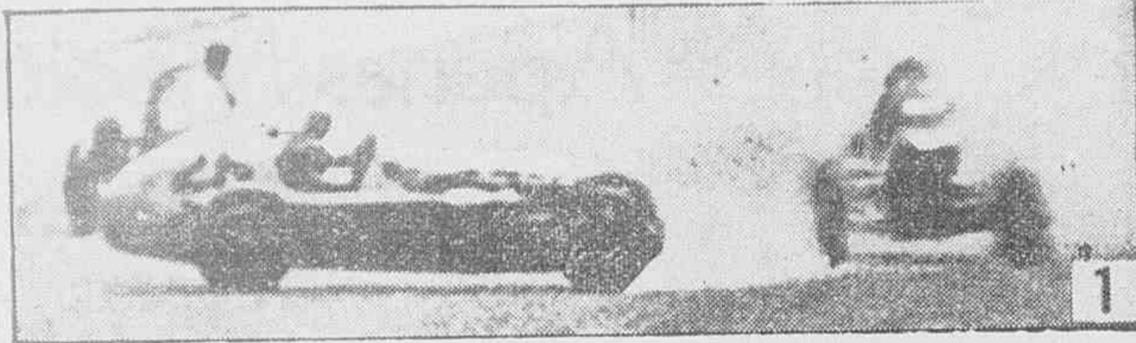
bola acaba não entrando. Resultado: o team punido recebe um estímulo que saberá aproveitar e o team favorecido com o penalty experimenta um declínio vertical de produção. A regra não cogita da inversão de papeis. O premiado, afinal, foi o quadro punido, o quadro que commetteu a falta. E isso não passa despercebido. Então se descobre o lado bom de um foul — o foul que beneficia o faltoso. Trata-se de um problema tecnico e disciplinar. O problema inicia-se como uma questão exclusivamente tecnica. Depois se transforma com o tempo, agindo no animo dos jogadores, indicando caminhos excusos que podem conduzir a victoria ou que, pelo menos, não fazem o mal que deviam fazer. E o problema é de facil solução.

Nem se concebe que um crack profissional desperdice um tiro livre, a onze passos. Não uma vez, mas sempre, caracterizando o que se chama a "decadencia do penalty". Desappareceu a penalidade maxima. E os goals de penalty são tão constantes quanto os conquistados de um tiro livre, de fora da area

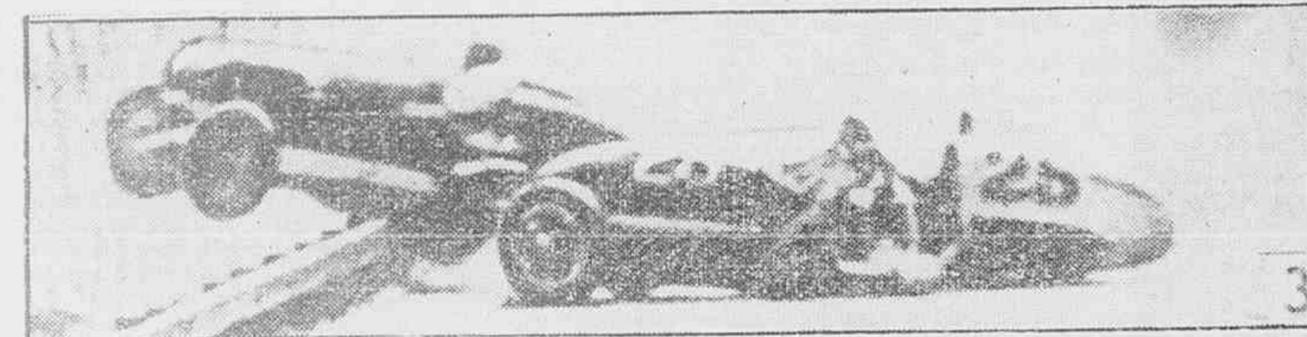
DISCIPLINA d. Os teams não e no momento c. frisson" na mul- não entra e a

A CORRIDA PARA A MORTE

ASSIGNALADA por um desfecho tragico, em que um concorrente perdeu a vida, ficando dois outros feridos, a mais importante prova automobilistica dos Estados Unidos, a classica corrida das 500 milhas de Indianopolis, teve como vencedor Wilbur Shaw.



PELA SEGUNDA VEZ em tres annos, pois, ganhou o vencedor em 1937, esse consagrado volante se viu, assim, de posse do ambicionado premio de 20.000 dollares. Ha vinte annos, desde que Howley Wilcox venceu em 1919, pilotando um "Peugeot" que um carro estrangeiro não venceu em Indianopolis. Wilbur Shaw quebrou desta vez o encanto, triumphando com uma pequena "Maserati" de 1.529 cavallos de cylindrada, que resistiu gallardamente à serie de obstaculos que teve que enfrentar para atingir a meta final. Se bem que difficil o triumpho de Shaw foi merecido e producto da regularidade com que correu.



PRATICAMENTE a corrida resumiu-se num tremendo duelo entre tres dos trinta e tres concorrentes. Wilbur Shaw, Jimmy Snyder e Lou Meyer afastaram-se do lote do principio ao fim da carreira, dividindo entre si os 6.500 dollares de premios destinados ás passagens nas diversas voltas. Snyder manteve-se na frente até a 50.ª milha, com a media de 123, 553 milhas seguido de Meyer e Shaw. Entrando no abastecimento cedeu a ponta a Shaw até a 150 milha, numa velocidade media de 123,442 milhas horarias, passando depois ao 6.º lugar por perder muito tempo no abastecimento. Assumiu novamente a ponta na 455.ª milha para não mais perdê-la. Quatro, 20 minutos e 47 segundos foi o tempo total que empregou no percurso, estabelecendo pois a media de 115,035 milhas. Jimmy Snyder secundou-o com o tempo de 1 minuto e 48 segundos superior, ganhando 19.000 goliares. O terceiro coube a Cliff Bergere, que recebeu o premio de 5.000 dollares.

PROVA DIFFICIL exigindo alem de excepcional pericia e coragem illimitada, machina resistente, não constituiu surpresa o facto de 18 concorrentes terem abandonado a corrida por motivos diversos. Apenas 15 dos 33 concorrentes atingiram a meta final. Repetiu-se este anno a tragedia verificada em 1935, quando Clay Weatherly perdeu a vida. Floyd Roberts, o vencedor da 1938, o detentor do record de velocidade da corrida, com a media horaria de 117,230 milhas, falleceu num hospital, victima de uma collisão, occorrida na traiçoeira curva sudeste. Ao completar a 266.ª milha, Floyd Roberts collidiu com o carro de Bob Swanson, chocando-se e depois galgando a parede de protecção.



Capotou e incendiou-se o carro de Swanson, sem sair todavia da pista. Chet Miller, que seguia Swanson, tentou evitar o carro incendiado, mas com tão pouca sorte que atravessou a parede de protecção.

CENTO E QUARENTA E CINCO mil espectadores, attonitos, presenciaram essa confrangedora scena que resultou na hospitalização de tres volantes. Swanson e Miller soffreram ferimentos e queimaduras generalizadas, salvando-se felizmente, mas Roberts falleceu sem recobrar os sentidos.

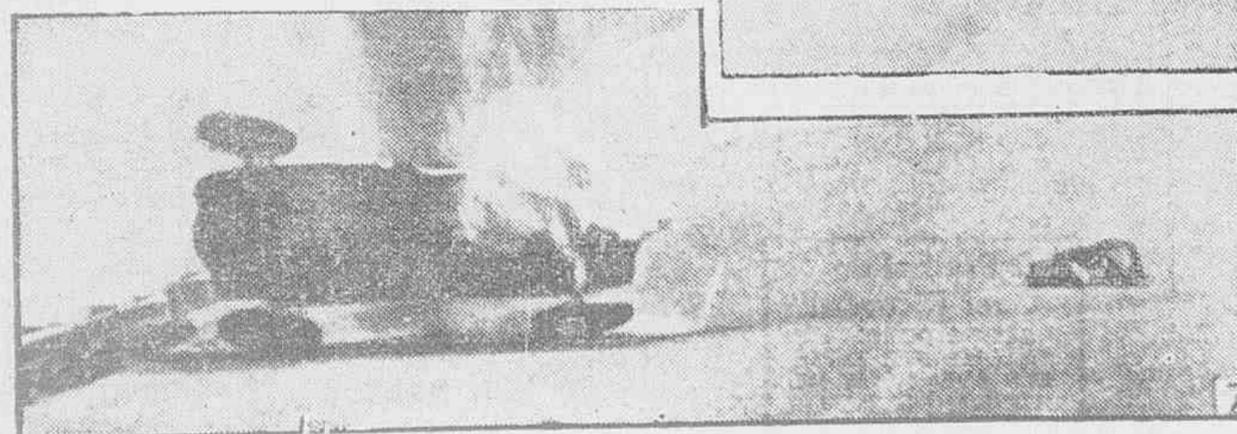
Os flagrantes desta pagina, conseguidos pelo "camera-man" da "Paramount News", reproduzem fielmente a morte de Floyd Roberts, quando elle tentava obter a sua segunda victoria consecutiva na classica corrida realizada a 30 de maio. A impressionante serie photographica mostra: 1) O carro de Floyd Roberts prestes a collidir com o de Bob Swanson, enquanto outro corredor (à direita) procura safar-se. 2) Consuma-se o tremendo desastre. Após a collisão, o carro de Floyd Roberts corre em direcção à parede de protecção. 3) O carro de Floyd Roberts continua a correr galgando a cerca de protecção. Enquanto isso Bob Swanson cae sobre o seu carro.



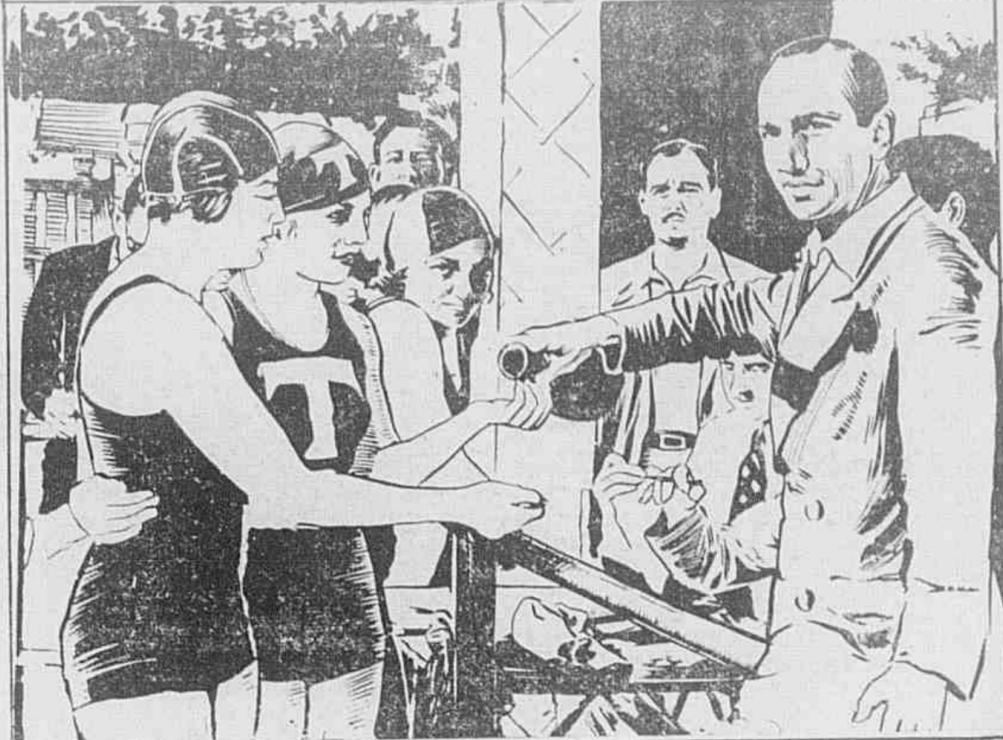
EMQUANTO, AO LADO, apparece um concorrente que, de relance, assiste a scena tragica, esta continúa. Vê-se em 4) Roberts proseguindo o seu ultimo mergulho e Swanson tambem na pista. Em 5) Swanson apparece num clarão enquanto outro concorrente passa ao largo. Em 6) vê-se Bob Swanson caído na pista e o seu carro, já distanciado, continuar a correr des-governado, batendo no muro de protecção. Em 7) vê-se a posição final do carro de Swanson, completamente tomado pelas chammas. Swanson continúa caído na pista e Roberts está à espera, fóra da pista. Chet Miller, o terceiro homem nesse pavoroso desastre, collidiu com o carro de Swanson, invadindo a cerca.



IRONIA DO DESTINO — O accidente fatal soffrido por Floyd Roberts foi o facto que impediu o estabelecimento de um novo record de velocidade nas 500 milhas de Indianopolis, record este estabelecido o anno passado (117.200 milhas) pelo volante tragicamente desaparecido ha uma quinzena. Enquanto a media até o momento do accidente era superior a 120 milhas, teve que baixar sensivelmente desde esse momento para uma velocidade um pouco inferior a 100 milhas por hora, até meia hora depois, enquanto eram retirados da pista os carros destrogados e prestados soccorros ás tres victimas.



O DUELO QUE MARCOU NOVA ÉRA PARA A NATAÇÃO BRASILEIRA



A NATAÇÃO brasileira, até 1934, ainda não encontrara motivos de sensação para despertar o interesse popular. Foi em janeiro de 1935, que surgiu a rivalidade entre as nadadoras Dora Castanheira, do Fluminense e Lygia Cordovil, então deiensoita do Tijuca T. C. Tratando-se de duas lindas nadadoras com a vantagem de serem as melhores da cidade, a imprensa resolveu aproveitar a sua popularidade para fazer a propaganda do duelo que toda a cidade sportiva acompanhou em ansiosa expectativa.



NO DIA marcado para a competição, todas as atenções dos "fans" se concentravam no duelo Lygia x Dora. O técnico prognosticam, qualquer que fosse a vencedora, a quebra do rec. de 407 metros nado livre.

ANTES desse pareo, tão ansiosamente aguardado, as duas campeãs já tinham medido forças uma vez, saindo vencedora a nadadora tujucana. Dora justificou a sua derrota por ter sido apalçada desprevenida. Desta vez, o nervosismo traiu Dora, que desistiu. Lygia batera o record com 6.45".



DORA CASTANHEIRA teve uma crise de nervos, mas procurou se dominar e fez questão de ser a primeira a felicitar a sua vencedora.

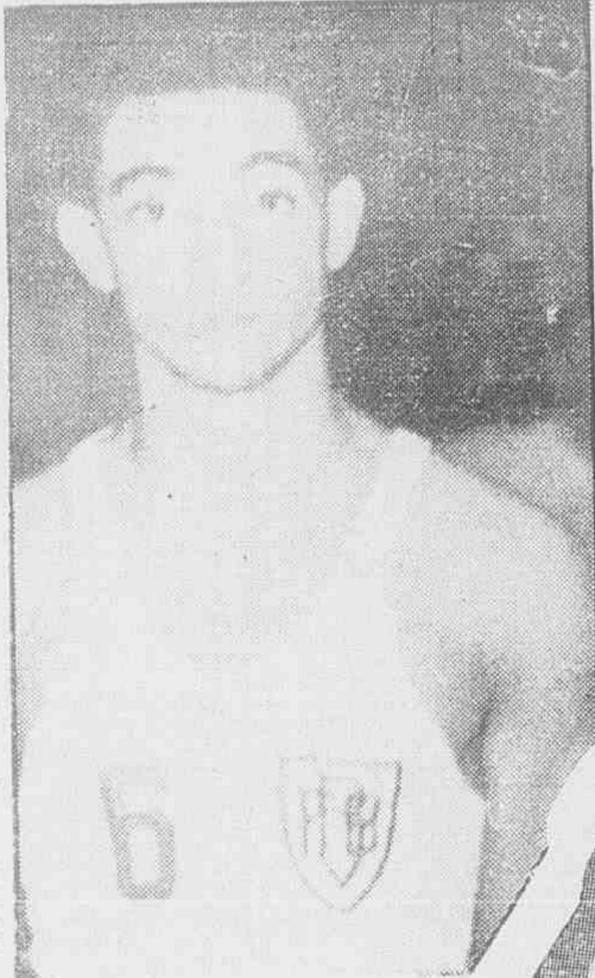


O TRIUMPHO sobre Dora Castanheira deu a Lygia a supremacia do nado livre no Rio até surgir Piedade Coutinho. E a ex-nadadora tujucana chegou a deter todos os records em nado livre da Liga Carioca de Natação e varias marcas nacionais e sul-americanas.

NAO SE PODE mais negar a evidencia do progresso do nosso basketball, sob qual quer ponto de vista que se o encare. Em tecnica, em disciplina e em projecção o basket avançou muito. Hoje a "bola ao cesto" constitui nos seus jogos maiores um espectáculo de classe, e occupa no meio dos sports nacionais um lugar de renomeado destaque.

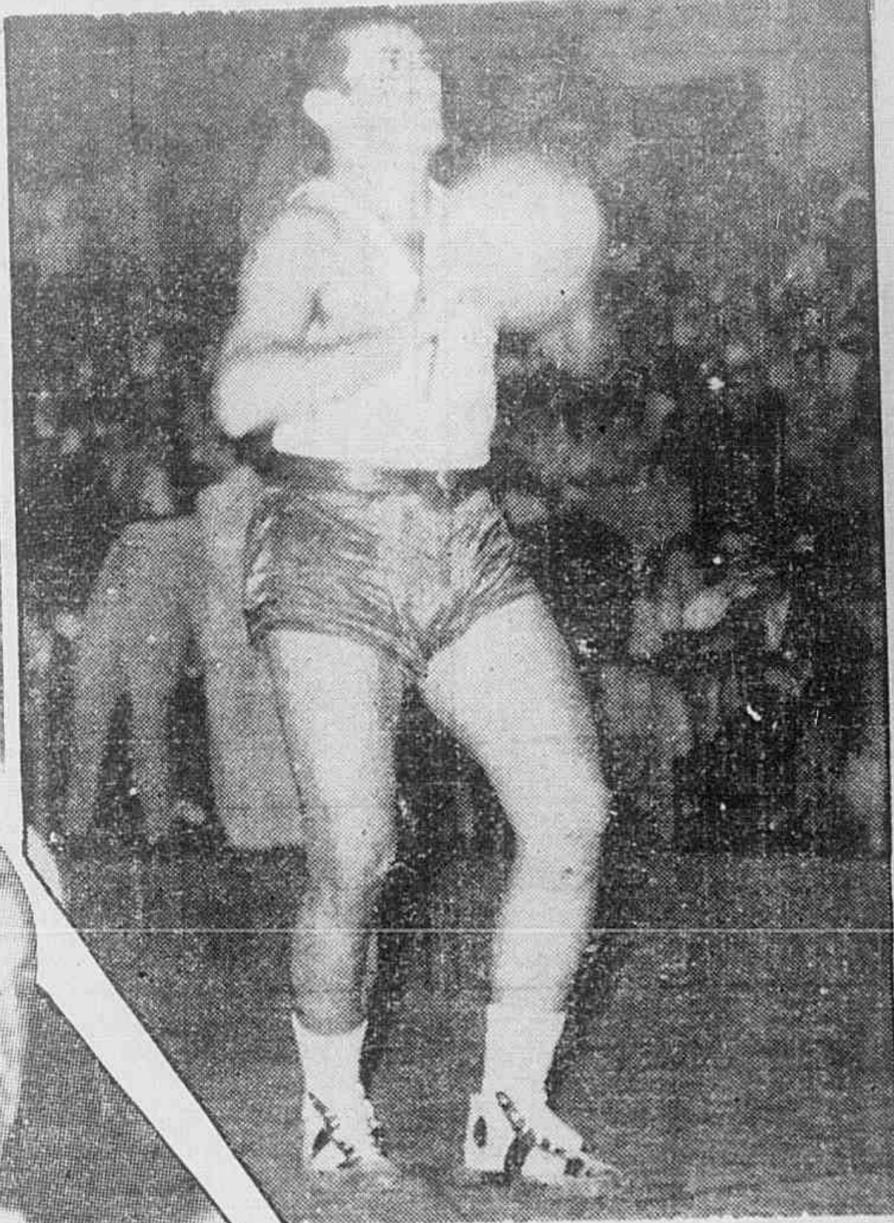
Contudo, e o m o aliás em quasi todos os demais sports, o basket não ficou isento de certos detalhes interessantes, á margem desse progresso.

A questão das sympathias pelos numeros das camisas é um delles. Ha jogadores que fazem questão cerrada de jogar com determinados numeros. E outros que nunca usaram um numero diferente do da sua predilecção, demonstrando assim que o progresso não consegue destruir creanças e superstições, ou como se diz modernamente os "hobbies". Nesta reportagem localizamos alguns desses casos que não chegam a constituir uma superstição, como frisou Adamo, mas são, em todo caso, exemplos de "sympathias"...



RUY DE FREITAS, scratchman brasileiro, campeão sul-americano. É um dos que se apegaram firmemente a um determinado numero. Para Ruy o numero fixo é o seis. Desde que appareceu no basket carioca jogando pelo Riachuelo que Ruy tem usado sempre o "meia duzia". E não quer mais deixar de usal-o. Na occasião em que foi feita a distribuição das camisas pelos "scratchmen" brasileiros que disputaram o sul-americano de 39, Ruy, constrangido pelo "sorte" que vinham de sofrer tres companheiros, foi o ultimo a procurar a sua. E, coincidência feita para elle, Era proprio a numero 6.

Os "azes" do basket também crêm na influencia dos numeros ...

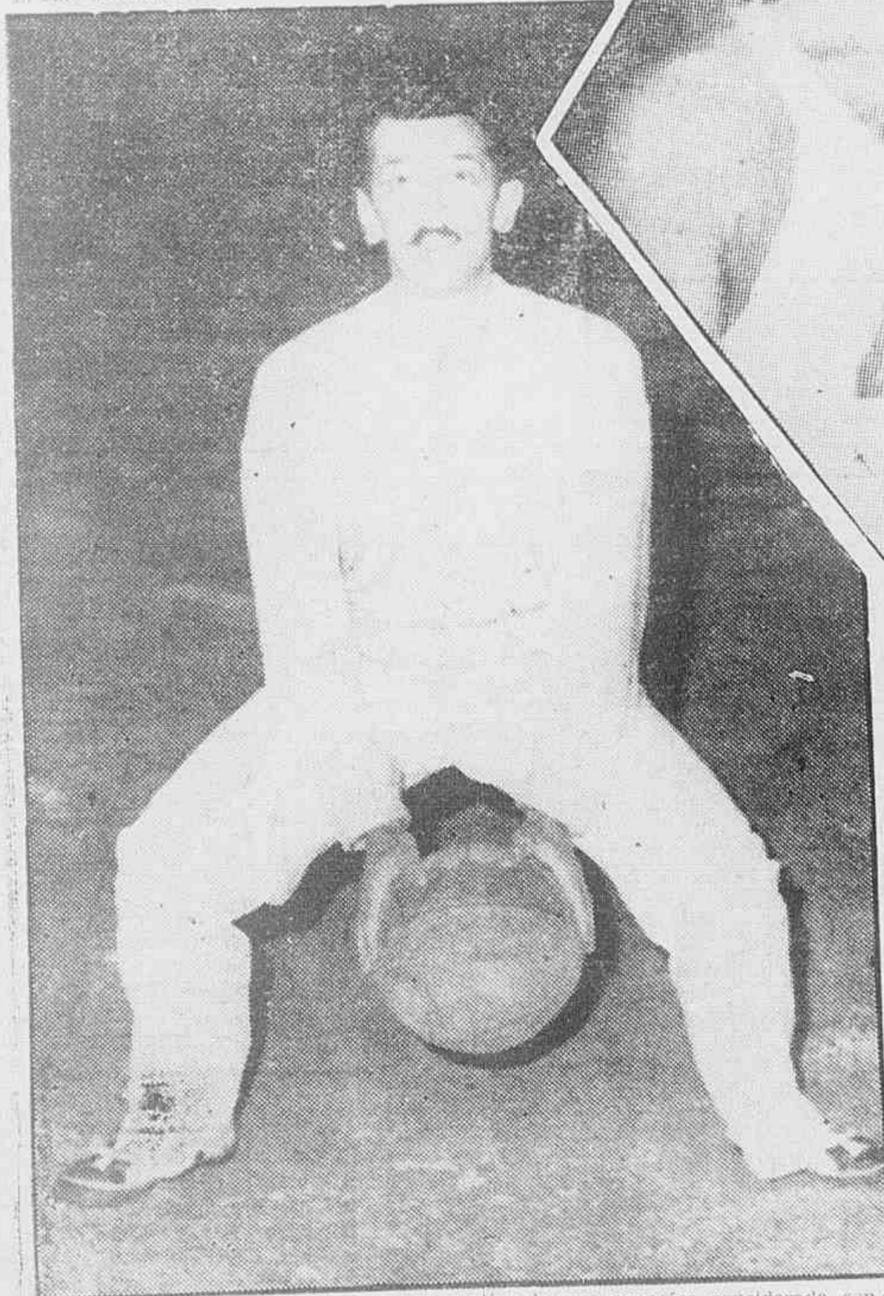


PODER-SE-IA pensar que Frota pela sua antiguidade no basket houvesse perdido esse interesse pelas "sympathias". No entanto o veterano basketballer tem também a sua "quêda". E esta é francamente pelo numero seis. Difficilmente tem deixado de usar esse numero nos seus jogos officiaes. No Fluminense, no scratch da cidade, no scratch nacional o numero de Frota é o mesmo: seis.



ADAMO BERTULLI, também faz questão de numero. O seu preferido é o 4. Desde quando deixou o segundo team do Flamengo para formar no primeiro do Botafogo de Regatas. Neste, no scratch carioca, no scratch brasileiro e, finalmente, agora, no Botafogo de Football, Adamo quiz sempre o numero quatro.

"Não é bem uma scisma — diz o consagrado "guarda" campeão sul-americano — mas é por uma questão de sympathia, que eu tenho procurado sempre manter o numero quatro."



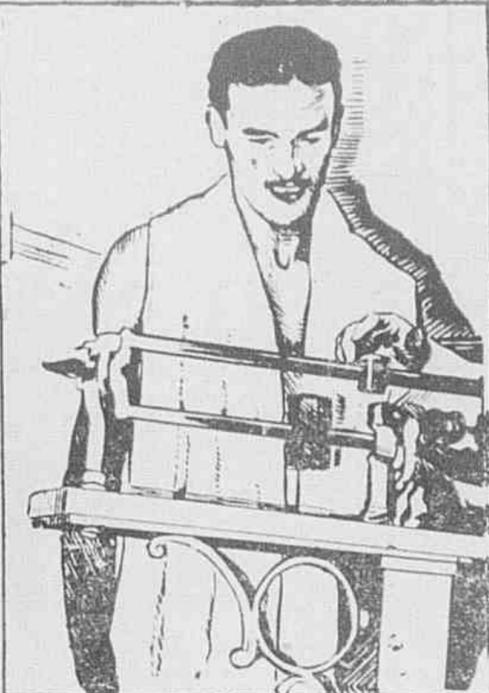
O "FREZE" é para muita gente motivo de preocupações, consideração, como é, de mão agouro. Para Chacon todavia é numero de sorte. E era o seu predilecto nos tempos de actividade nas quadras. Nos seus velhos tempos de grajahuense, o actual "coach" do Flamengo, não dispensava o "13" na camisa. Assim também no "scratch" carioca. Uma vez disputando o campeonato brasileiro, Chacon foi-se infelicissimo nos arremessos. Todas as bolas batiam no "ferrinho". Após ter perdido a decima segunda, Chacon gritou para Pilla, centro do "scratch": — "Agora vae!" E dito e feito no 13.º arremesso a pelota entrou na cesta.



"CAIXA" DE UMA FIRMA importante, Albano anda, diariamente, ás vueltas com muitos numeros. Mas na hora de envergar uma camisa de basket quer saber de um: — o 3. No Palestra era o "3", no Fluminense idem, e no scratch também. No dia da estreia no seu actual club — o Botafogo — horas antes do jogo Albano fez uma recommendação ao director de basket do alvi-negro: — "Tenente Newton, não se esqueça da minha camisa com o numero 3". No ultimo scratch brasileiro Albano formou sem a camisa 3. Explica-se: Adão era o capitão no primeiro jogo e só gosta de jogar também com o n. 3. Então Albano escolheu o 13, porque tem o tres no final.



CARDEAL tornou-se conhecido do publico carioca no campeonato brasileiro de 1936, em que os gauchos se tornaram campeões. A exibição realizada em canchas cariocas bastou para consagrar-o como um dos melhores forwards de seu tempo que foi requisitado pela C. B. D.



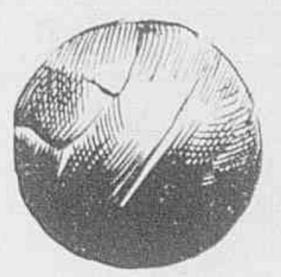
O SEU RENOME valeu-lhe um contrato com o Nacional, de Montevideo. Mas, vítima de um movimento nacionalista, foi boicottado pelos proprios companheiros do club. Dahi a rescisão de seu contrato.



MAS O FARGGEG center-fovrã d estava com o organismo depauperado e não podia entrar em acção tão cedo. A balança accusou 59 kilos no seu exame medico, peso muito do que deficiente, considerando a sua elevada estatura — cerca de 1m,80.



O RAIOS X revelou ruptura de ligamentos, mas não fractura do menisco, tanto que o Dr. Mario Jorge julgou desnecessaria a intervenção cirurgica. De qualquer modo o jogador estava condenado a uma longa inactividade.



CONSIDERADO apto para o jogo estreou contra o Botafogo no "Torneio Municipal" de 1938. Mas no seu segundo match — justamente o Fla-Flu — foi retirado de campo em consequencia dum encontro casual com Valido.

A EVOLUÇÃO do tratamento pôde ser acompanhada por meio de chapas radiographicas. A primeira data de 12 de julho de 1938 e o radiologista diagnostico: augmento no espaço articular interno e arrencamento do apice da espinha-tibial interna. Depois de collocado o apparelhagem, o joelho foi novamente radiographado. Foram tiradas radiographias depois da retirada do apparelho, quando reapareceu o derrame e surgiu uma pequena imagem e muitas ainda até a cura completa. Chapas de frente, obliquas e de perfil. A ultima revelou que o espaço articular interno é agora normal e o joelho está solidado. Mas para conseguir esse resultado o jogador teve que comparecer diariamente, durante muitos meses, ao Hospital dos Acidentados e submeter-se rigorosamente a todas as prescripções medicas.



O DR. VICENTE RONDINELLI, chefe do Departamento Medico do Fluminense, considera o caso Cardéal uma autentica victoria da traumatologia brasileira. Pôde-se dizer que o "crack" foi resuscitado e Cardéal não se esquece do amparo offercido pelo seu club e está ansioso por demonstrar seu reconhecimento.



TODOS conhecem o "hobby" de Walter. Não saberia jogar se não cumprisse um rito complicadíssimo. Antes de mais nada tem de cuspir. Cospe no canto direito do arco e cospe no canto esquerdo. E' a maneira de afugentar os maus presagios.

O "hobby" dos arqueiros



NAO basta, porém. E' preciso andar de um lado para o outro, enquanto o juiz não apita, mandando iniciar o match. Conta os passos, para, anda de novo. Experimenta as mãos, aperta-as uma na outra. E, como se faltasse alguma coisa, beija uma medalha santa. Agora se sente tranquillo. O match pôde começar.



TAMBEM é preciso cuidar dos olhos. E esfrega as mãos no rosto, olhando depois em todas as direcções. Se vê bem, está encerrada a primeira parte do rito. Só resta estender o braço e observar que a mão não treme, que os nervos estão calmos.



JA' Nascimento tem um "hobby" menos complicado. E' uma especie de individual antes de cada jogo. Abaixa-se e esfrega as mãos na terra. Torna-se preciso endurecer os dedos, facilitar as pegadas seguras. Depois é um sapateado. Nascimento verifica a solidez da terra, acostumando as traves ao terreno que vae pisar. O resto já veiu prompto do vestuario. Pulsos bem amarrados, um cinto ao invés de elastico, as meias até quasi o joelho, as joelheiras grossas. Não o assalta nenhum receio. Está calmo, absolutamente tranquillo. Conhece o pedaço de cancha que será seu durante quarenta minutos e recorda, enquanto espera, outros matches em que enfrentou o Flamengo. Vestia outra camisa, defendia outras cores. Obteve victorias e uma unica derrota. A derrota foi amarga e significou o afastamento do team títular do campeão. Agora surge uma oportunidade. Não de ringança, mas de mostrar que ainda é o mesmo.



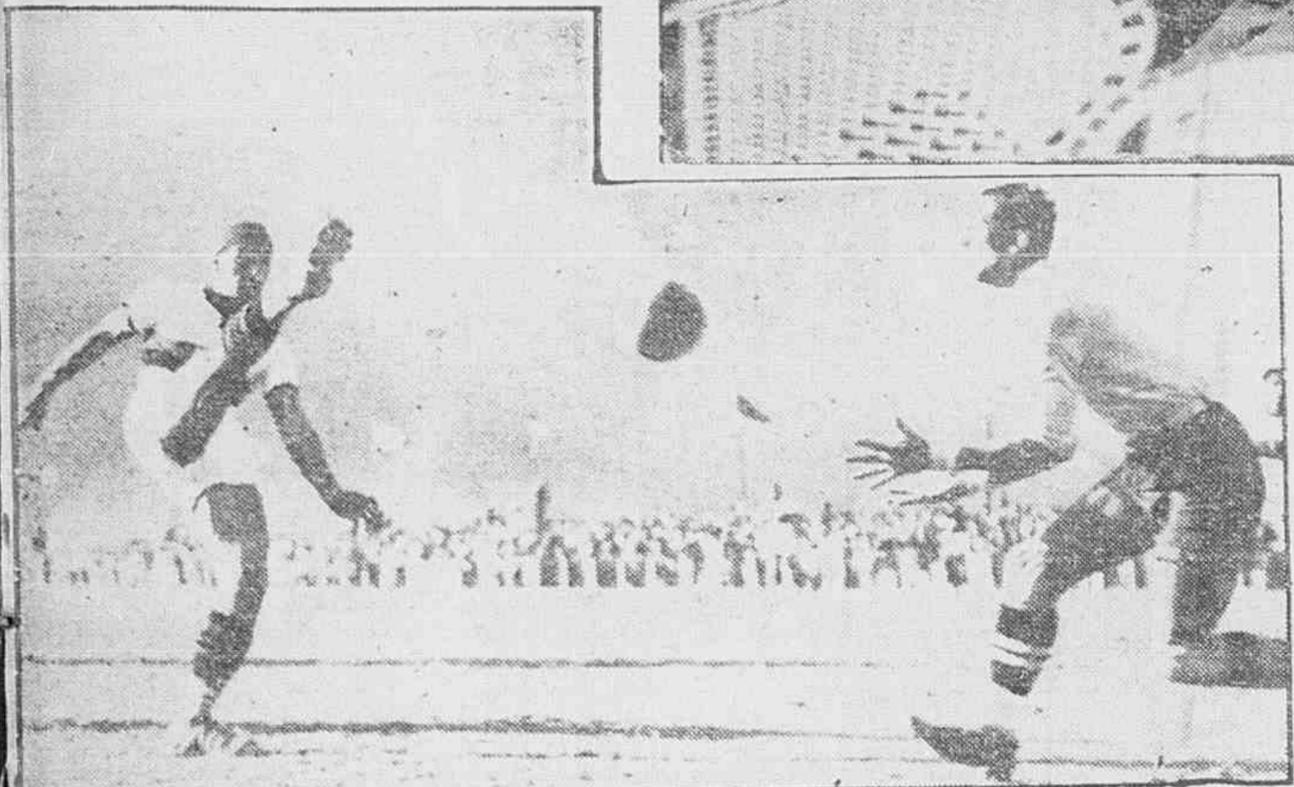
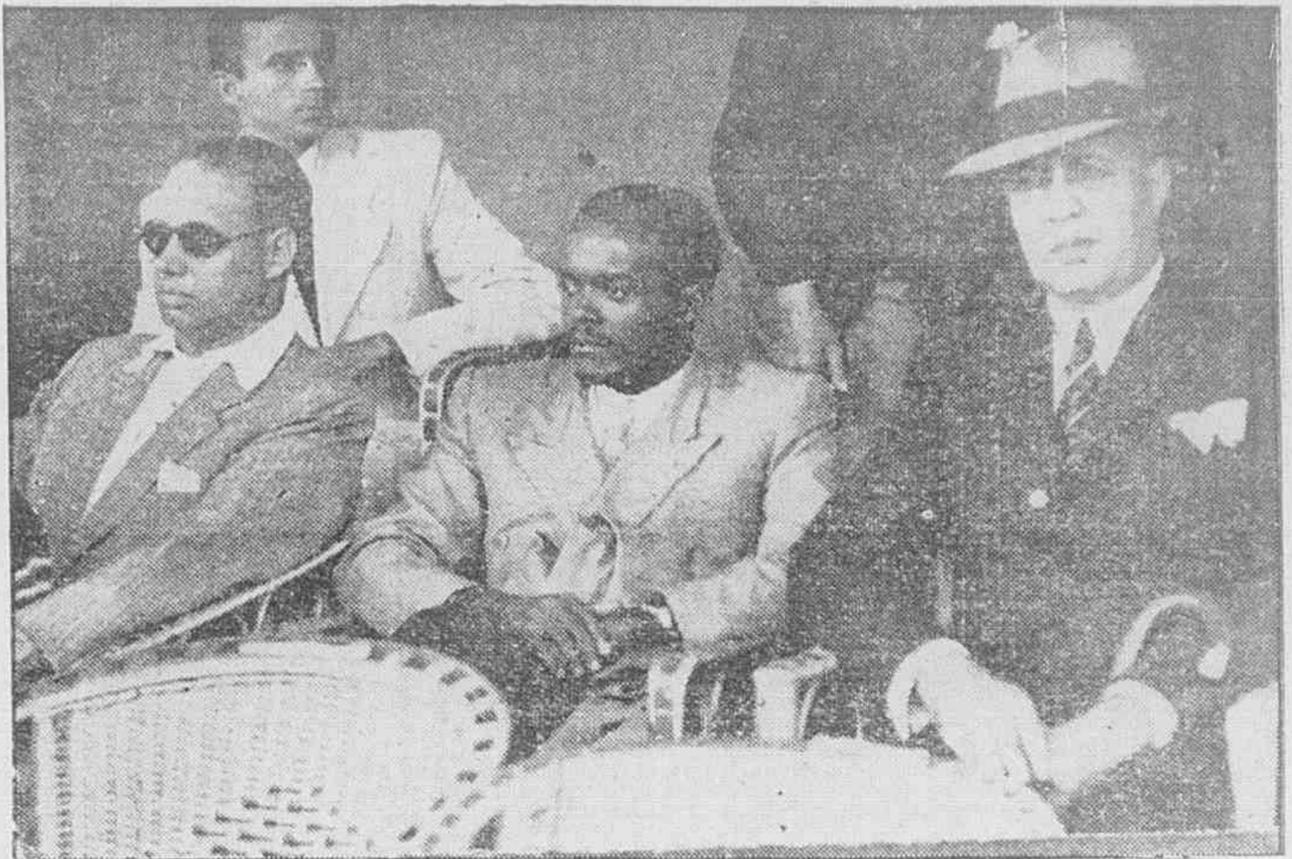
COSPE para fóra do arco, mas não se esquece o "lado de dentro". Encara todos os azares e joga-os for ruidosamente, fazendo uma careta. E' um espectáculo que se repete em todos os matches, antes do primeiro, antes do segundo tempo, depois de um goal que não conseguiu evitar.



ESTAO calmos, realmente. Encosta-se na trave e espera a esperar. A esperar que Sanchez Diaz apite, que os arqueros do Vasco avancem e ameacem o arco. Nada de mais pôdia succeder. Walter não espantou os negros presagios.



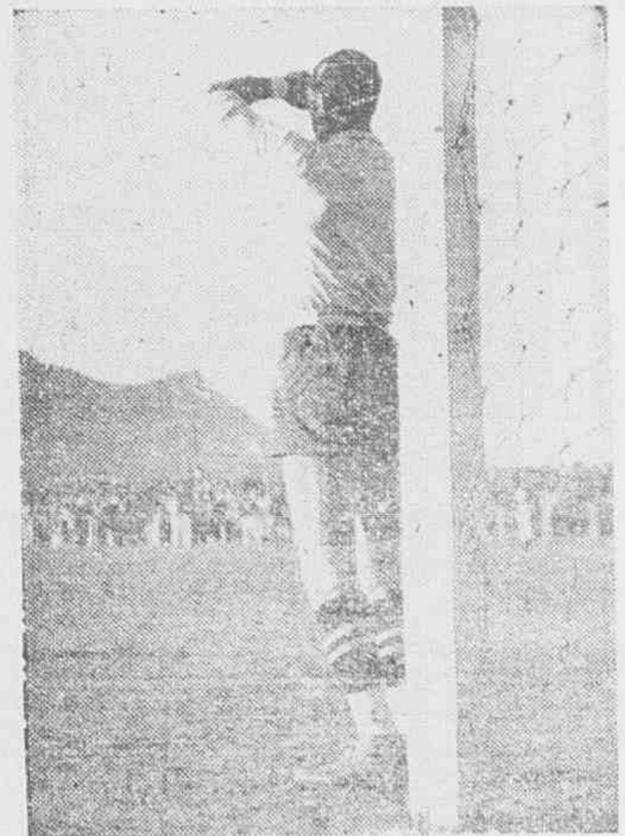
O Espectador LEONIDAS Analysa Friamente A Derrota



Leonidas era um simples espectador. E, como espectador, podia observar uma série de coisas. A princípio o match não assustava. Compreendia-se a perda de uma ou outra oportunidade em um princípio de partida. O Flamengo não podia vencer fácil. Bastava reparar na solidez da defesa do Vasco. Era uma defesa de oito. Gandula e Villadoniga deciam, estabelecendo a ligação entre a retaguarda e a vanguarda. Aparecia, porém, um factor de surpresas: o vento desorientado, soprando em redemoinho. Theoricamente, um vento assim não favorecia ninguém. Mas se transformaria em um jogo de dados. Em um dado momento poderia transformar-se num elemento de victoria ou de derrota. Leonidas não torcia. Estava prohibido de torcer. Recebera, sim, a recommendação de ficar quieto. Os olhos escancararam-se, observando tudo, implacaveis, numa analyse do match.

Caxambú, por exemplo, não era o mesmo. Perdera o impeto, a aggressividade, para tornar-se um "precioso". Caxambú tecnico, não era um contrasenso? Cada jogador tinha de desempenhar uma missão "possivel". Não se pedia um milagre. E, justamente por isso, Caxambú devia limitar-se a esperar oportunidades de goal, ficando

entre backs, abrindo a defesa contraria. Mas eis que Caxambú queria demonstrar que sabia dribblar, que sabia passar. Parava a bola e voltava para a direita, para a esquerda. Florindo desarmava-o. E tinha de ser assim, fatalmente. O Flamengo estava sem center-forward, o que facilitava enormemente o trabalho da defesa do Vasco.



Era verdade que se estava no inicio de uma partida e o Flamengo atacava mal. Nascimento defendera mais vezes do que Walter. Mas sempre com segurança, guardado pelos backs. O Vasco possuía uma defesa segura. Talvez a mais segura de todas. Havia apenas um ponto duvidoso: Jabú. Mas Jabú estava jogando bem, rebatendo com firmeza. Isso não impedia que o Flamengo pudesse fazer um goal. Poderia o ataque de quatro forwards transformar o placard, porém com dificuldade. Era preciso, antes de tudo impedir que o Vasco se distanciasse no cartaz. A impressão antecipada era de que a defesa do Flamengo poderia impedir-o. E isso porque os camisas pretas preferiam a garantia de uma victoria justa com um ultimo refugio no empate. Aparecia como um team demasiado cauteloso. Mas também um team que "sabia" onde era forte e onde era fraco. Isso, em football, constitue uma virtude. O Flamengo não chegara a essa concepção. Como pensar em pontos fracos se contra o America o placard se modificara sete vezes, arrasadoramente? O calculo feito era de que a defesa do Vasco, por mais solida que fosse, não resistiria ao ataque do Flamengo. Todos os calculos, porém, não encaram as alternativas. Não previam um vento como o que soprava, redemoinhando. Nem previam um Caxambú tecnico...



Leonidas não esperava o goal do Vasco. Quasi não o vira. Substitura-se a bola e no instante do tento uma outra pelota surgiu no meio do campo. Foi o vento que impulsionou o couro. O vento desviou a bola e o salto de Walter falhou por isso. Quem não reparasse na influencia do vento criticaria Walter. Mas o arqueiro foi enganado. E enganado por um shoot que, em outras circum-

stancias, poderia ser defendido com facilidade. Era a primeira transformação do placard. Não significava ainda a derrota, mas ampliava consideravelmente as dificuldades para a victoria do Flamengo. A's vezes um goal contra tem um lado bom. E apenas se estava no sétimo minuto de luta. Falta-vam trinta e tres minutos para o fim do primeiro tempo e depois os dois teams teriam ainda de disputar mais quarenta minutos.

O CASTIGO PREMIADO



5. O Flamengo reggia. Leonidas percebia o aperto do cerco, mas não cedeu ao penalty. Sanchez Diaz fora demasiado severo. E os penalties injustos são uma ameaça de dois gumes. Além disso havia o vento, que podia modificar tudo. Era preciso ter cuidado. Se o penalty entrasse seria bom. Poderia assinalar o caminho da vitória. Mas se não entrasse? Leonidas ouviu uma pergunta. Entra ou não entra? Uma voz afirmou: "Não entra!". O Flamengo, verdadeiramente, não tinha sorte com os penalties. Na maioria dos casos a penalidade máxima era um presente de grego. Era, aquelle, o momento culminante da peleja. Depois de dominar um team precisa de um goal. E se não marcar um goal de um tiro livre a onze passos do keeper, que confiança se poderá ter em outro tento?



6. As discussões antes da cobrança de um penalty zervem para enervar o team favorecido. Cospa-se na bola, demora-se o instante decisivo, discute-se a injustiça da penalidade, garante-se que a bola não vai entrar. Tudo isso aumenta a responsabilidade do crack designado para cobrar o penalty. O facto de ter sido escolhido Gonzalez tranquillizava. Mas o vento podia influir. Leonidas insensivelmente se mexia na poltrona. O medico recommendara calma. Como, porém, ter calma em um momento que decidia a sorte do Flamengo? O tiro parte e Nascimento defende. Defende uma e outra vez...



8. Agora chegara a vez do Vasco atacar. Era inevitável que assim succedesse. O ataque adquiriria maior coragem, passava a ameaçar o reducto de Walter. Tinha dois motivos de estímulo: o goal de Fantoni e a defesa de Nascimento. Um e outro eram como prenuncios de triumpho. Modificara-se o panorama do match e o Flamengo caia. Não havia mais uma razão forte para confiar. Havia, sim, elementos de temor. E Leonidas passou a desejar o apito de Sanchez Diaz. Só o intervalo poderia modificar a situação.

O team teria occasião de examinar os quarenta minutos passados e concertar um outro plano de defesa e de ataque. E talvez se organizasse a reacção do Fla-Flu, quando a diferença de goals contra era maior. No Fla-Flu quasi se alcançara a victoria. Agora o que podia haver era a explosão de Jarbas agredindo Oscarino. Entrava Orsi e entrava Calocero. Parecia que o Flamengo podia melhorar.



7. Comprehendia-se o delirio das camisas pretas, o abraço de um team como premio ao milagre de uma defesa. Agora tudo se tornava mais difficil. O penalty não favorecera o Flamengo, favorecera o Vasco, que passava a ter um motivo de estímulo, uma confiança quasi cega na intransponibilidade da defesa. Como fazer um goal em uma defesa que detinha um penalty, que ia buscar no maximo castigo a maximo recompensa? E assim se assistia a uma demonstração do que significava uma alternativa, o vae-vení da chance. A derrota que se transformava em victoria, a victoria que se transformava em derrota.



9. O intervalo, porém, não modificou nada. Caxambu continuou a perseguir, inutilmente, uma exibição de technica. E Nascimento podia descansar mais.

O estímulo que recebera o Vasco fôra demasiado forte. Já se tornava difficil annullar-o. O placard não se modificava e a unica esperanca estava naquelle um que estabelecia a distancia minima. Bastaria um goal para igualar condições. Mas o goal, teria de surgir de uma meia ou de uma ponta. Caxambu não via mais o arco. Corria pelo campo, para a direita e para a esquerda. Talvez nunca tivesse trabalhado tanto e produzido menos. E Leonidas tinha vontade de gritar: "Não dribble, não volte, fique entre os backs e shoote de qualquer maneira". Sentado em uma cadeira captiva não podia gritar. E se gritasse ninguem o ouviria do campo. E muito menos Caxambu.

A verdade é que o panorama do match era o mesmo do primeiro tempo, depois do penalty. Bastaria ao Vasco fazer um goal.

Se o Vasco modificasse outra vez o placard tudo estaria perdido. O Flamengo perdia a calma. Como que desesperava do empate. Houve, sim, um instante de ansiedade. Foi quando Orsi deu um passe maravilhoso para Caxambu. Bastaria empurrar a bola. Mas Caxambu não a empurrou. Atirou-a por cima do arco. E isso representava outro motivo de estímulo para o Vasco.

Tornava-se difficil ser optimista, pensar em uma reviravolta.

E então Leonidas consultava o relógio. Os ponteiros eram as unicas vozes de esperanca.



10. Mas o Vasco fez o segundo goal. Leonidas quasi não o comprehendeu. Uma confusão a dez passes do arco. Domingos que levanta uma bola. Volante que entra desviando-a. Fantoni rodando sobre os calcanhares e ficando só, deante de Walter, sem perceber ainda que ia decidir o match.

Subitamente o commandante do Vasco olha para os pes e vê a bola parada, prompta para receber o shoot. Dá um bico. Walter atira-se, a bola bate na trave e entre.

A differença augmentára e já não se podia pensar em victoria.

Não houvera um goal trabalhado e o match se decidira por golpes de chances, sendo que o Flamengo nem aproveitara uma oportunidade de penalty. Isso eliminava a noção de injusticia do score.



11. O resto do match seria uma simples formalidade. Agitantara-se o Vasco justificando o triumpho e o Flamengo entregava-se ao nervosismo, perseguindo um goal sem plano. Já não se tratava de um empate ou de uma victoria. Tratava-se de um tento que apagasse o zero do placard. Mas o ataque sem organizacão encontrava uma defesa lida e a offensiva mais perigosa passára a ser a do Vasco.



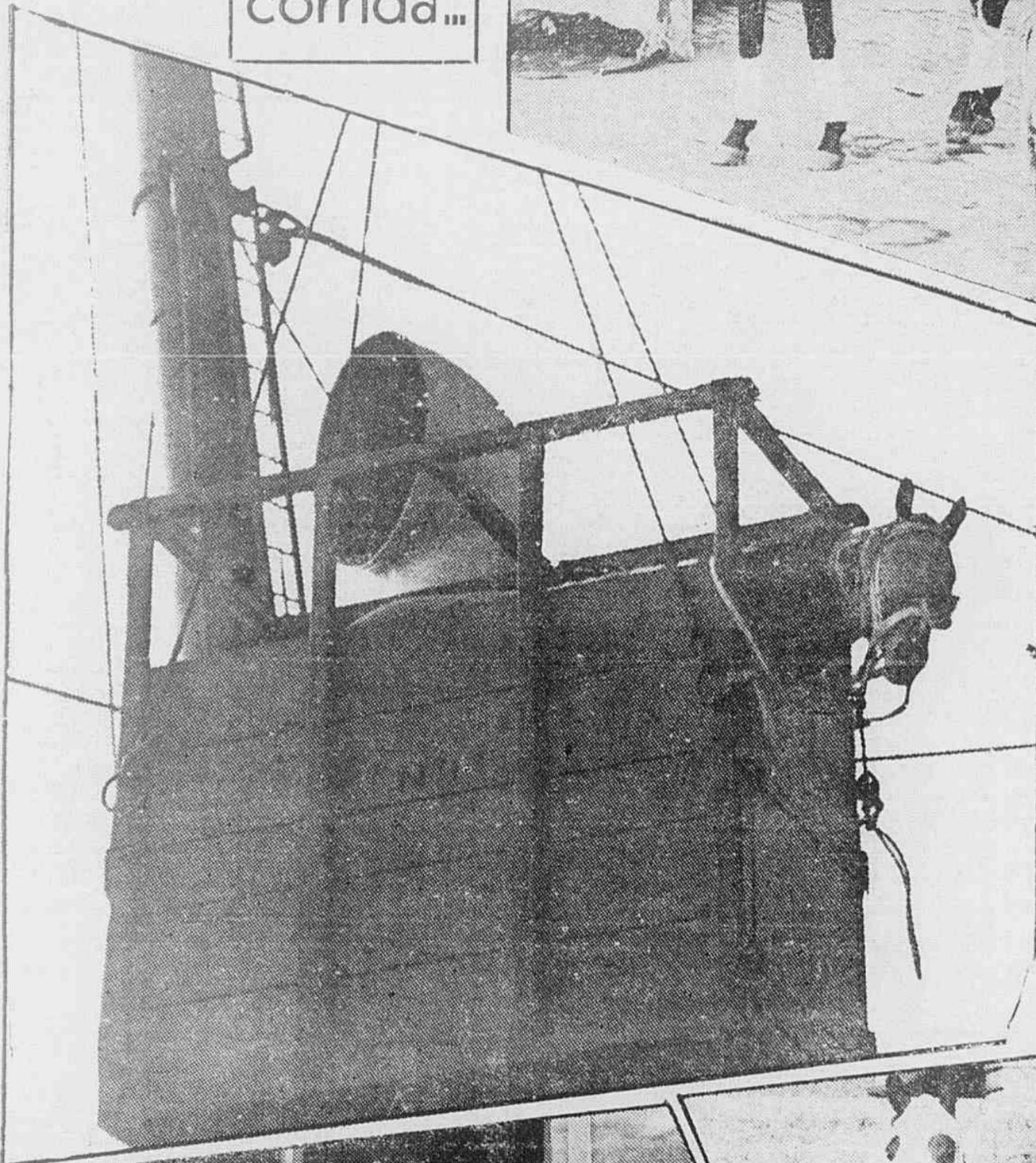
12. Leonidas falou em levantar-se. Viu ainda um ataque do Vasco e viu o foul de Fantoni em Domingos. O grande zagueiro foi conduzido para fóra do campo. Que succederia depois? Leonidas ergueu-se e ficou á espera da expulsão de Fantoni. Sanchez Dias ameaçou, apontou com o dedo e não expulsou o forward violento. Faltavam alguns minutos e era melhor o apito final. Leonidas "sabia" que o capítulo seguinte seria o da aggressão e da revanche. Por isso abandonou a cadeira captiva e retirou-se a passos lentos.

O medico recommendára calma. E realmente não a perdera, durante o match.

Poderia perdê-la se continuasse a assistir o encontro encerrado technicamente. Ouviu alguém gritar que Jocelyn fóra expulso. Jocelyn vingara-se do foul praticado em Domingos... Agora o Flamengo lutaria com dez jogadores e Domingos não deixaria de vingá-se, também. Não seria melhor esquecer? Salvar a derrota, saber perder? E Leonidas desceu a escada vagarosamente, dirigiu-se para a praça. Devia ter ficado em casa... — era um pensamento que o agitava ainda.



VIAJAM SS. Excias., os cracks de corrida...



Os puros sangue reaes, os cracks de corrida, viajam como thesouros, como principes de paizes fantasticos. Não atravessam a Mancha os grandes parelheiros ingleses ou francezes sem as cautelas que teriam as autoridades para com um primeiro ministro ou um astro de Hollywood.

Detectives mesmo os odeiam. E se faz o proprio cordão de isolamento no caes do porto ou na plataforma da estrada de ferro.

Foi uma comitiva asiatica que levou Papyrus para o seu famoso duello com Zev.

E que commodidade, que conforto são-lhe offercidos!

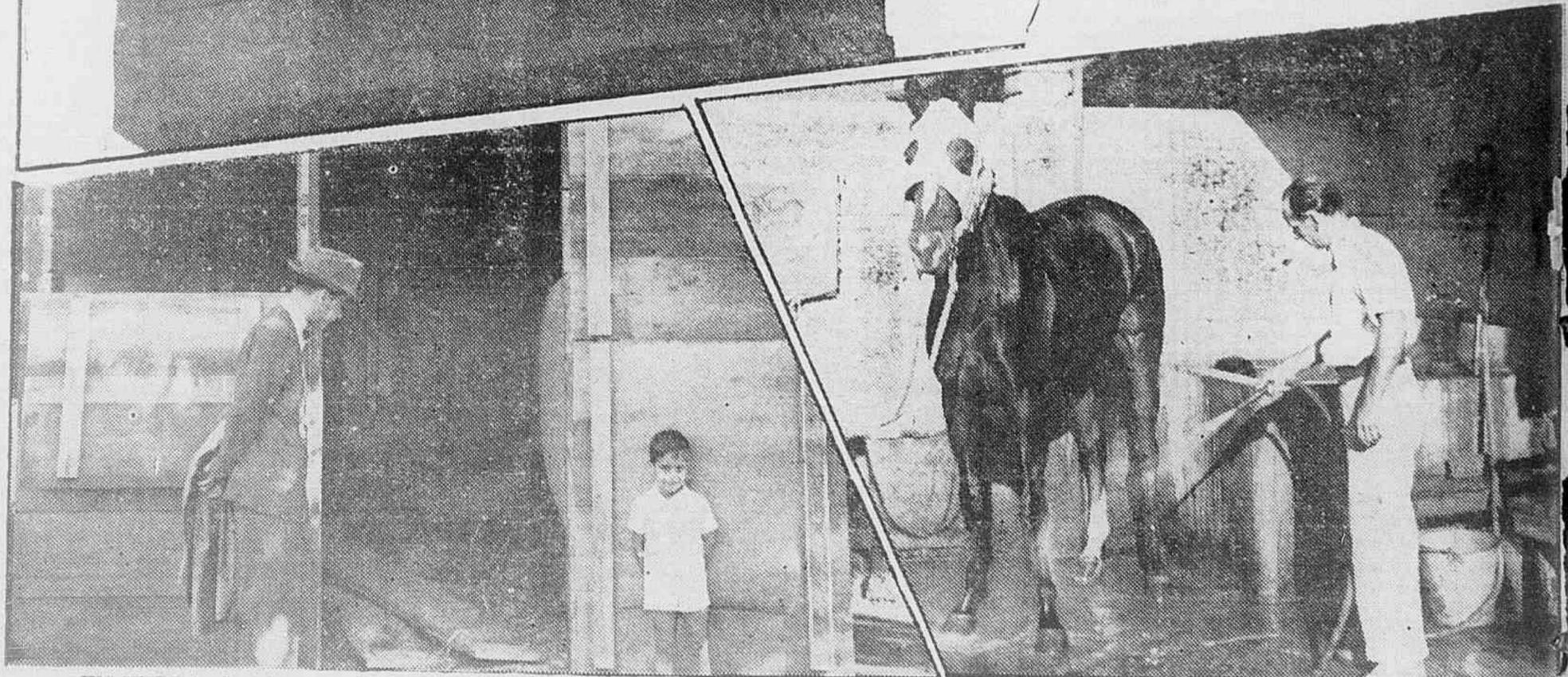
O turf na America do Sul não alcançou ainda o refinamento do progresso do europeu, nem do yankee, tão pouco a luta pela vida desenvolveu o banditismo no Brasil como no Velho Mundo e no continente septentrional, por isso não se fazem medidas por demais acauteladoras no transporte dos bons parelheiros. Entretanto ainda se processa com requintes que hão de espantar os leigos.

Ligaduras envolvem os membros locomotores dos animaes e grossas capas de lã os protegem contra os rigores da temperatura. E a cocheira em que viaja é espaçosa e tem chão macio e paredes almofadadas. E noite e dia, solícito, vigia-o um homem.

São desembarcados com grandes cuidados tambem.

Do navio ao caes é conduzido em um box, a guita daste, de commum de olhos vendados. E' uma operação que demanda muita paciencia.

Enfim, S. Ex. está em terra firme.



EM TERRA são SS. Excias. introduzidos nos carros do Jockey Club Brasileiro e levados para a Gavea, onde se ergue a Villa Hippica.

E após a ração e um descanso reparador, a ducha é uma imposição de hygiene que o recém-chegado agradece cheio de alegria.

CAAIMBÉ e STRAUSS

DOIS CONCORRENTES PARA O G. P. BRASIL



CAAIMBÉ é um belo animal alazão, de frente aberta, filho de Coclés, cuja descendência está brilhando em pistas platinas.

Começou a actuar com êxito em Maronas, derrotando logo de início, quando potro, Mascagni, que mais tarde foi o phenomeno das pistas locais.

Caaimbé entrou em seguida na Polla de Potrillos, e, marcando uma serie de raiosas performances, conseguiu levantar o G. P. Presidente da Republica.

Para fazer-se uma idéa mais exacta do valor do parrelheiro recém-chegado ao turf brasileiro é interessante dizer que em vinte e sete carreiras logrou collocação em vinte e duas.

Adquirido pelo Sr. Oswaldo Camisa para o Sr. Thomaz Assumpção, turfman paulista, ficou nesta capital por cerca de 60 contos.

Apparentemente são no momento, ao que ouvimos, soffrera algo nos primeiros annos de entranhement.



CAAIMBÉ e Strauss foram entregues ao antigo e zeloso preparador Gabriel Reis, que, segundo consta, os preparará para as grandes carreiras da Gavea, a começar pelo G. P. Brasil, a 6 de agosto proximo.

O velho preparador de Vulcain pôz por isso mãos á obra, desde que aqui desembarcaram. Também não há tempo a perder...

STRAUSS procede de um reproductor conceituado nas pistas cariocas, que é Stayer. Foi esse pastor consagrado através de Misuri, o cavallo "galopador" mais impressionante que a nossa afficção tem visto.

Pouco inferior a Caaimbé, do qual aliás perdia de comum em Maronas, tem feltos todavia que autorizam a eleva-lo parrelheiro de primeira grandeeza. E dentre todos mistér se faz salientar o record dor 2.490 metros no turf uruguayo, com cento e quarenta e seis segundos "cravados", e o tempo de cento e oitenta e cinco para 3.000 metros.

Não herdando o pelo tridilho do lado paterno, Strauss tem as caracteristicas dos descendentes de Stayer.

E' frio, molleirão e parece mesmo um tanto rheumatico.

Comprado tambem pelo Sr. Camisa para os Srs. Erasmo & Antony Assumpção, o seu preço em nossa moeda, elevou-se a cincoenta contos mais ou menos.

O GLOBO

SPORTIVO



A CARREIRA de Sieglinda Lenk é uma das mais brilhantes da natação brasileira. Depois de conquistar campeonatos nacionais e records sul-americanos, atravessou uma fase adversa. Mas este ano reapareceu aos "fans" cariocas, insuperável. Depois de levantar dois títulos nacionais, representou o Brasil em Guayaquil, sagrando-se campeã sul-americana dos 100 e 200 metros, nado de costas.